



PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
UNIDADE 1	5
1.1 A História da Psicologia.....	5
1.2 Psicologia do Desenvolvimento: estudiosos e suas contribuições.	8
1.3 Teoria Sociointeracionista de Vygostky	12
1.4 Teoria do Desenvolvimento Humano de acordo com Henri Wallon	15
1.5 Teoria da Aprendizagem Significativa de acordo com David Ausubel	18
1.6 Sigmund Freud	20
UNIDADE 2	22
2.1 Behaviorismo Metodológico de Watson	22
2.2 Behaviorismo Radical de Skinner	24
2.3 Psicologia Humanista	27
2.4 Desenvolvimento: aspectos culturais	30
2.5 As fases do desenvolvimento	34
UNIDADE 3.....	39
3.1 Psicologia da Aprendizagem	39
3.2 Aprendizagem e suas características	41
3.3 Extensões do processo de aprendizagem	43
3.4 As interferências que ocorrem no processo de aprendizagem	46
3.5 Aprendizagem: dificuldades, distúrbios e transtornos	48
REFERÊNCIAS	55

APRESENTAÇÃO

Prezados alun@s da Faculdade Malta,

A disciplina psicologia do desenvolvimento procura estudar as mudanças que acontecem no decorrer de nossas vidas. Através dos estudos apresentados nesta disciplina podemos entender com mais facilidade as fases que o ser humano passa no decorrer de sua existência. Nesse sentido, podemos perceber que o desenvolvimento é uma soma de pequenos aprendizados que são fundamentais para o avanço do ser humano.

“A criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros”.

Lev Vygotsky

UNIDADE 1

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.”

Augusto Cury

OBJETIVOS

- ✚ Conhecer a história da psicologia;
- ✚ Apreciar os principais teóricos e suas contribuições;
- ✚ Entender os estágios do desenvolvimento, segundo Piaget
- ✚ Entender as zonas de desenvolvimento;

1.1 A História da Psicologia

Filósofos gregos

A palavra psicologia tem origem em duas palavras gregas: psyché (alma) + logos (razão). Sendo assim, a psicologia seria o “estudo da Alma”. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008 p.33), para os filósofos gregos “A alma ou espírito era concebida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, a sensação e a percepção”. Conforme os autores, Sócrates (469 – 399 a.C) foi responsável por estimular as idéias sobre o mundo psicológico através da razão, a compreensão de que é a essência do humano, aquilo que se diferencia dos animais. Em seguida Platão (427 - 347 a.C) teve como objetivo dedicar-se a descobrir que parte do corpo abrigaria a razão e assim defendeu a imortalidade da alma e sua separação em relação ao corpo. Aristóteles (384 – 322 a.C) entendia a alma como pertencente ao corpo defendendo o seu caráter de mortalidade. Assim é possível perceber que 2300 anos do surgimento da psicologia já existiam estudiosos que se dedicavam seus estudos para compreender o mundo psíquico. (PIOVESAN et al., 2018).

Figura 01- Filósofos Gregos



Fonte: <http://www.liceufilosofia.com.br/2016/08/socrates-platao-e-aristoteles.html>

Com o início da idade média e a queda o Império Romano, teorias sobre fenômenos psíquicos passaram a ter grande influência da religiosidade, já que naquela época a Igreja Católica possuía grande poder. São Tomás de Aquino (1225-1274) e Santo Agostinho (354-430) eram considerados grandes pensadores que marcaram esta época. Suas idéias iam de encontro com questões divinas e dogmas da igreja. (PIOVESAN et al., 2018).

Depois deste longo período do Império Romano e da Idade Média em que os conhecimentos psicológicos estiveram ligados aos saberes religiosos, teve início uma época marcada por importantes transformações, que foi o Renascimento ou Renascença. Esse movimento teve mudanças significativas em diversas áreas, como arte e a política, um avanço na produção do conhecimento. Estudiosos como Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Galileu Galilei e René Descartes marcaram esta época. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Psicologia do Desenvolvimento e sua Evolução Histórica

Segundo os estudos de Biaggio e Monteiro (1998) a evolução histórica da psicologia do desenvolvimento humano foi sistematizada em fases, cada fase englobando um período de mais ou menos dez anos.

Período Formativo

O surgimento da psicologia do desenvolvimento é motivo de controvérsia. Em 1882 Preyers publicou o livro *The mind of the child* que Segundo Cairns (1983) impulsionou as pesquisas relacionadas a área de desenvolvimento. O autor por sua vez considera a publicação como um marco no surgimento da psicologia do desenvolvimento, mas ressalta que as primeiras sociedades para o estudo do desenvolvimento foram criadas também no final do século XIX. No mesmo período houve publicações especializadas na França e nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, Stanley Hall funda o “Child Research Institute at Clark” e o periódico “Pedagogical Seminars” em 1891. Na França Binet funda em 1899 a “Société Libre pour l’Étude de l’Énfant” e o periódico “L’Année Psychologique” (Ver Cairns, 1983 para informações sobre a criação destes centros de estudo). Os interesses de pesquisa nesta época envolviam principalmente a psicobiologia, psicologia da personalidade e desenvolvimento cognitivo MOTA, (2005).

Primeira Fase

Aproximadamente 1920- 1939 foi um período de grande investimento nos estudos sobre o desenvolvimento da criança ainda que tenha se publicado os primeiros estudos sobre envelhecimento (Hall, 1922 apud Cairns, 1983) e adolescência (Hall, 1904 apud Cairns, 1983) MOTA, (2005).

Os principais interesses de estudo nessa época foram sobre desenvolvimento intelectual, maturação e crescimento. Foi neste período que começaram as críticas dos métodos existentes na área do desenvolvimento humano. Também na mesma época houve um aumento do interesse por estudos longitudinais e a partir disso iniciaram a discussão da importância do uso desse tipo de metodologia para o estudo do desenvolvimento MOTA, (2005).

Segunda Fase

Esta fase ocorreu por volta de 1940 – 1959, uma época marcada pela guerra e que teve uma grande escassez de investimentos em pesquisas. Segundo (Cairns, 1983) o interesse desta época concentrava-se no estudo da criança especialmente nas variáveis que afetam o desenvolvimento. Desta forma os principais métodos de pesquisa utilizados nessa fase foram os métodos correlacionais MOTA, (2005).

Terceira Fase

O autor Cairns (1983) afirma que nesta fase constatou-se a emergência de pesquisa no campo do desenvolvimento. Esta época ocorreu no período 1960-1989. Até os meados da década de 60 a psicologia do desenvolvimento teve grande influências das teorias Behaviorista e dos conceitos de Aprendizagem Social. Foi possível observar também a emergência das teorias Piagetiana como esboço para pesquisas neste campo de conhecimento. (Biaggio & Monteiro, 1998).

Quarta Fase

Esta fase ocorre nos meados de 1990 aos dias atuais, onde novos paradigmas da psicologia do desenvolvimento surgem. O caráter interdisciplinar da disciplina, a importância de se discutir e incorporar nas pesquisas os diversos contextos em que os indivíduos se desenvolvem, inclusive a dimensão histórica do desenvolvimento começa a ser discutida (Dessen & Costa Jr, 2006; Seidl de Moura & Moncorvo, 2006).

Os objetos de pesquisa anteriores permanecem, mas observa-se um maior interesse por estudos no curso da vida e por abordagens contextuais e sistêmicas como a teoria ecológica de Bronfenbrenner. Quanto aos métodos de pesquisa propõem-se novos paradigmas

metodológicos, estudos sistêmicos, longitudinais, transculturais, transgeracionais e multimetodológico MOTA, (2005).

História da Psicologia relacionada à Ciência

No que diz respeito a psicologia científica ou moderna, considera-se Wilhelm Wundt (Alemanha, 1832-1926) o seu fundador em razão de ter sido o primeiro a realizar experimentos em laboratórios a fim de compreender os fenômenos psicofisiológicos PIOVESAN, et al. 2018).

Para Wundt, o objeto da psicologia era a experiência consciente imediata. Ele treinou seus pacientes para que os mesmos relatassem suas percepções ao serem expostas a diferentes estímulos (visuais, sonoros e táteis). A partir disso Wundt sistematizou os fenômenos mentais conscientes através das descrições feitas por eles. Entretanto o próprio autor reconheceu que há fenômenos mentais inacessíveis a experimentação. São aqueles que têm grandes influência dos aspectos culturais, como linguagem. Sendo assim utiliza-se como meio de acesso ao objeto de estudo, a observação. (ARAÚJO, 2009; RIBEIRO, 2003).

Pode-se dizer que nem todas as teorias psicológicas foram criadas a partir de métodos de experimentação. Muitos deles foram fundamentais a partir da observação e da prática profissional. Isso pode ser explicado pela diversidade e complexidade dos fenômenos psicológicos PIOVESAN, et al. (2018).

RESUMO

Neste tópico, foi apresentado o surgimento o surgimento da psicologia do desenvolvimento segundo estudos de alguns autores. Foi possível percebermos a evolução das pesquisas no decorrer dos anos.

1.2 Psicologia do Desenvolvimento: os principais estudiosos e suas contribuições

Contribuições de Piaget

Piaget é um dos grandes nomes da psicologia do desenvolvimento atual, não só na Europa, mas também nos Estados Unidos, embora tenha sido de forma tardia as contribuições de Piaget ao estudo do desenvolvimento intelectual da criança têm sido extremamente valorizadas. (BIAGGIO 2009)

Segundo (BIAGGIO 2009), Embora Piaget tenha venha escrevendo desde a década de 1920, seu trabalho só passou a ser reconhecido nos Estados Unidos na Década de 60. Enquanto que no Brasil Piaget já era conhecido por psicólogos e educadores duas décadas antes.

Jean Piaget nasceu no dia 09 de agosto de 1896 em Neuchâtel uma cidade universitária localizada na Suíça. Seu pai era um historiador especializado em literatura medieval e sua mãe identificada como uma mulher inteligente e dinâmica. Piaget já demonstrava seu interesse pela natureza, especialmente nos pássaros, peixes e outros animais em seu ambiente natural. Teve seu primeiro artigo publicado em uma revista de História Natural aos 11 anos. Enquanto aluno da escola secundária, ajudava o diretor do Museu de História Natural de Neuchâtel. Nesta mesma época começou a estudar moluscos e dos 15 aos 18 publicou vários assuntos sobre estes. (BIAGGIO 2009)

Começou a estudar filosofia ainda na adolescência sob influência de seu padrinho, Samuel Camut, um acadêmico Suíço. Seu interesse além da filosofia foi para Lógica e Religião. O contato com essas disciplinas o levou ao interesse especialmente pela Epistemologia, ramo da filosofia relacionada com o estudo do conhecimento. Com uma formação sólida nas Ciências Naturais, especialmente na filosofia e biologia, Jean Piget, sentiu que nenhuma delas iria dar solução ao problema do conhecimento humano, com isso chegou a conclusão que a psicologia seria a ponte necessária entre a biologia e epistemologia. (BIAGGIO 2009)

Aos 21 anos Piaget obteve doutorado em filosofia e apesar de ser biólogo de formação e um epistemólogo por interesse, era considerado um dos maiores psicólogos do desenvolvimento. Depois que completou o doutorado começou a explorar a psicologia em Zurich, onde trabalhou em dois laboratórios de clínicas psiquiátricas, tendo contato com as idéias de Freud e Jung. (BIAGGIO 2009).

Figura 2: Jean Piaget



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/1709/jean-piaget-o-biologo-que-colocou-a-aprendizagem-no-microscopio>

Grandes estudiosos de Piaget consideram alguns aspectos fundamentais em suas teorias, que são conteúdo estrutura e função. Conteúdo é referente aos dados comportamentais, aquilo em que o indivíduo está pensando, seus interesses, ou como resolve um problema. Os conteúdos são visíveis e apresentam diferentes formas de pensar. Piaget costumava a comparar

Piaget focalizou conteúdos no pensamento infantil. Perguntando à criança, por exemplo, “o que faz as nuvens se moverem” e perguntas semelhantes, analisava o conteúdo das respostas comparando-as com as dos adultos. BEAGGIO p. 55 (2009).

A estrutura é um conceito nitidamente biológico. O desenvolvimento da inteligência é afetado por fatores biológicos. Outro tipo de estrutura hereditária seriam as reações de comportamentos automáticos, que são os reflexos de sucção e de preensão. Função outro aspecto considerado importante na teoria de Piaget, ele afirma que que todas as espécies herdaram tendências básicas ou funções invariantes: adaptação e organização. BEAGGIO (2009).

Organização refere-se à tendência de todas as espécies de sistematizar e organizar seus processos em sistemas coerentes, que podem ser físicos ou psicológicos. Entre o físico temos o aparelho circulatório, ou digestivo, onde há uma organização das estruturas menores em uma hierarquia. Adaptação: todos os organismos têm tendência a se adaptar ao ambiente. Outra noção nitidamente biológica. BEAGGIO p. 58 e 59 (2009).

Estágios do desenvolvimento de acordo com Piaget

Piaget explica o desenvolvimento da criança em estágios, esclarecendo as principais características de cada etapa, ressaltando que habilidades adquiridas em estágios anteriores são fundamentais são essenciais para o domínio de estágios posteriores. Sendo assim os estágios representam o desenvolvimento da inteligência, que não ocorre de forma linear, nem por acúmulo de informações. Ele se dá por saltos, rupturas, modificando-se com as experiências PIOVESAN, et al. 2018).

Estágio **sensorio motor**, acontece do nascimento aos 2 anos de idade. É o período em que as ações inteligentes da criança compreendem as ações motoras como respostas aos estímulos que afetam os seus sentidos. A partir da inteligência pratica dos reflexos neurológicos básicos a criança passar a iniciar um processo de construção de esquema de assimilação do meio. Entretanto nessa fase ela ainda não dispõe de uma estrutura representativa que permita internalizar os objetos de modo que possa agir apenas no plano mental. Através da imitação a criança é capaz de realizar diferentes experiências e aprende, mas é necessário a presença do

objeto, pois ele é o próprio modelo de imitação. Atinge o seu ponto com o aparecimento da linguagem PIOVESAN, et al. 2018).

No estágio **Pré-Operacional**, entre os 2 e 7 anos. O principal progresso desse período em relação ao sensório motor é o desenvolvimento da capacidade simbólica. Nesta fase não depende unicamente de suas sensações e movimentos, mas já aponta um significador, ou seja, imagem, palavra ou símbolo. BEAGGIO (2009). Ao final desse estágio a criança é capaz de assumir a forma de operações concretas, momento quando surgem as noções temporais, espaciais, de velocidade e de ordem. É nessa fase também que são construídas as bases para o pensamento lógico característico do final do desenvolvimento cognitivo PIOVESAN, et al. 2018).

Segundo BIAGGIO (2009), no terceiro estágio **Operatório Concreto**, de 7 a 11 anos a criança já possui assimilação rica e integrada funcionando em equilíbrio. Ela já tem no seu comando um sistema cognitivo coerente e integrado com o qual organiza e manipula o mundo. Essa fase a criança é capaz de raciocinar o mundo de maneira lógica e adulta. Para Olds (2000), crianças na faixa etária de operações concretas tendem a ser menos egocêntricas nas tarefas que demandam mais do raciocínio lógico, elas passam a entender as relações espaciais, casualidade categorização raciocínio indutivo e dedutivo e conservação. Isso é o que difere as crianças em idade escolar de crianças menores.

Já no estágio **operatório formal**, a partir dos 12 anos de idade a criança consegue pensar de forma abstrata e hipotética. É capaz de estabelecer relações possíveis respeitando determinada lógica, testa hipóteses e busca solucionar problemas, ou seja, atinge o nível mais elevado do desenvolvimento, podendo resolver situações através do raciocínio lógico e explicar fatos observáveis utilizando-se de suposições. É nesse estágio que começa a transição para o modo adulto de pensar PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 3: etapas do desenvolvimento



Fonte: <http://letraealfabeto.blogspot.com/>



Assista ao vídeo: https://youtu.be/CRokAZi_RWM

RESUMO

Neste tópico, iniciamos falando sobre as contribuições de Piaget para os estudos da psicologia. Conhecemos um pouco sobre a história e sua explicação relacionada aos estágios do desenvolvimento da criança, que são: sensório motor, pré-operacional, Operatório Concreto e operatório formal.

1.3 Teoria Sociointeracionista de Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do importante papel das relações sociais nesse processo, pesquisas que deram origem perspectiva sociointeracionista da aprendizagem. Seus estudos transmitem a discussão das relações entre pensamento e linguagem, a questão da intervenção cultural no processo de construção de significados do indivíduo e o papel da escola na transmissão do conhecimento, o mesmo exerceu forte influencias nas pesquisas sobre linguagem, mente, a cognição, cultura e pensamento humano (PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 4: Lev Semenovich Vygotsky



Fonte: <https://www.sk.com.br/sk-vygot.html>

LA TAILLE et al, 1992, p. 24 destaca que um dos pressupostos básicos de Vygotsky é a idéia de que “ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social”. Segundo Vygotsky o desenvolvimento do indivíduo ocorre por meio de interação social, que é através dessas interações que o mesmo constrói e modifica o ambiente. Em Vygotsky, “a cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem” (LA TAILLE et al, 1992, p.24).

A dedicação de Vygotsky foi relacionada aos estudos das funções psicológica superiores que contemplam os processos que envolvem a memória, a atenção, imaginação, planejamento, representação simbólica, entre outros. Essas funções humanas originam-se nas relações do indivíduo em seu contexto social e cultural. É durante este processo que o homem também forma sua personalidade. “As funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação dos fatores biológicos, que são parte da constituição física do Homo sapiens, com fatores culturais que evoluíram através de dezenas de milhares de anos de história humana” (LURIA, 1992, p. 60).

As formulações de Vygotsky permitem observar a existência de duas características que são diferentes na educação formal, que são: sistematização dos conhecimentos e a interação com os pares. Relacionado a isso um dos grandes legados de Vygotsky para educação está no conceito de Zona de Desenvolvimento Real, Zona de Desenvolvimento Proximal e Zona de Desenvolvimento Potencial. É a partir desses conceitos podemos compreender que a interação social do sujeito, sua interação com o outro, interfere significativamente no desenvolvimento intelectual, qual está diretamente ligado a aprendizagem. (PIOVESAN, et al. 2018).

Para Vygotsky (2007), a **Zona de Desenvolvimento Real** refere-se ao “nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabelecem como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (p. 95-96). Nisso reside à importância de, além das características do desenvolvimento, a escola considerar o conhecimento que a criança já possui. A **Zona de Desenvolvimento Potencial** refere-se ao que o sujeito pode aprender com o outro, cuja aprendizagem encontra-se num nível mais elevado. A Zona de Desenvolvimento Proximal alude ao espaço entre o que a criança já possui e o que ela precisa construir, ou seja, as funções que ainda estão em processo de maturação. É um domínio psicológico em constante transformação, em que a criança se desenvolve com o auxílio de outras crianças e adultos mais experientes. Em síntese, a **Zona de Desenvolvimento Proximal** é:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p.97)

Através desse conceito de zona de desenvolvimento proximal é possível compreender que com o auxílio do outro a criança tem a possibilidade de produzir mais do que produziria sozinha. Mostra que a criança tem o potencial frente as possibilidades não realizadas e destaca a importância da mediação tanto para construção do conhecimento como para o desenvolvimento das relações sociais. (PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 5: Zona de desenvolvimento proposta por Vygotsky



Fonte: <https://blog.educacross.com.br/educacao/personalizacao-na-educacao/>



Assista ao vídeo: <https://youtu.be/vUX3XJVPIWo>

RESUMO

Neste tópico, iniciamos falando sobre as pesquisas realizadas por Vygotsky relacionadas à importância das relações sociais no processo de aprendizagem.

1.4 Teoria do Desenvolvimento Humano de acordo com Henri Wallon

Henri Wallon em 1879 na França, viveu toda a sua vida na França, lugar onde morreu em 1972. Foi um grande filósofo, médico e psicólogo, marcou sua vida dedicando-se a produção intelectual e ativa participação social e política. Seus estudos tiveram como resultado na construção da teoria denominada como psicogênese da pessoa completa. Essa teoria propõe que o desenvolvimento seja estudado de maneira integrada, envolvendo a afetividade, a motricidade e a inteligência nos campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil, bem como os diferentes momentos de sua evolução psíquica PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 6: Henri Wallon



Fonte: <https://formacaoempsicologia.blogspot.com/p/henri-wallon-1879-1962-frances-medico.html>

Segundo Galvão 1995 as hipóteses de Wallon indica que é possível identificar no desenvolvimento humano a existência de etapas diferenciadas, que caracterizam por um conjunto de necessidades e de interesses que lhe asseguram lógico e coesão.

O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento. Com base nas suas competências e necessidades, a criança tem sempre a escolha do campo sobre o qual aplicar suas condutas. O meio não é, portanto, uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança. (GALVÃO, 1995, p. 39-40).

Esse processo tem como influencia os fatores orgânicos e sociais. Os fatores orgânicos são responsáveis pela seqüência fixa que se estabelece entre as etapas do desenvolvimento, entretanto não afirmam uma semelhança no seu tempo de duração, já que existe a interferência das circunstâncias sociais PIOVESAN, et al. 2018). “O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com "alimento cultural", isto é, linguagem e conhecimento” (GALVÃO, 1995, p. 40).

Acontecem inúmeros conflitos no processo do desenvolvimento infantil, o que dirige Wallon a manter um olhar atento a este aspecto. Contudo não é visto como um problema na vida da criança, mas sim como propulsores do desenvolvimento. Sobre a origem dos conflitos Galvão explica:

Conflitos de origem exógena, quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. De natureza endógena, quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa. Até que se integrem aos centros responsáveis por seu controle, as funções recentes ficam sujeitas a aparecimentos intermitentes e entregues a exercícios de si mesmas, em atividades desajustadas das circunstâncias exteriores. Isso desorganiza, conturba, as formas de conduta que já tinham atingido certa estabilidade na relação com o meio (GALVÃO, 1995, p. 42).

De acordo com Galvão (1995), são apresentadas as principais características de cada um dos cinco estágios propostos pela psicogenética Walloniana. O estágio impulsivo-emocional, que compreende o primeiro ano de vida, onde a emoção é o instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. O estágio sensório-motor e projetivo, este vai ate o terceiro ano, a criança direciona seu interesse para exploração sensório motora do mundo físico, em que preponderam as relações cognitivas com o meio. O grande marco dessa fase é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. No estágio do personalismo, acontece na idade de três aos seis anos, onde se centraliza o desenvolvimento da personalidade. A construção da consciência de si, que ocorre através das interações sociais, reorienta o interesse das crianças para as pessoas. Retorna o predomínio das relações afetivas.

Aos seis anos tem o início do estágio Categorical, onde o progresso intelectual da criança se dirige para o interesse do conhecimento e conquista do mundo a sua volta. Predomínio aspecto cognitivo. No estágio da adolescência a crise da puberdade impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade em virtude das mudanças corporais. Este

movimento traz a tona as questões pessoais, morais e existenciais, dando retorno a predominância da afetividade. Sendo assim estudar o ser humano em sua integralidade, a psicogenética Walloniana identifica a existência de campos que reúnem a diversidade nas funções psíquica. “A afetividade, o ato motor, a inteligência, são campos funcionais entre os quais se distribui a atividade infantil”, diferenciando-se gradativamente. “A pessoa é o todo que integra esses vários campos e é, ela própria, um outro campo funcional” (GALVÃO, 2015, p. 48).

Figura 7: Campos funcionais de acordo com Wallon



Fonte: <https://slideplayer.com.br/slide/12877202/>



Assista ao vídeo: <https://youtu.be/-6vuFpW9dFs>

RESUMO

Neste tópico, estudamos sobre teoria do desenvolvimento de acordo com Wallon, onde ele explica as principais características dos 5 estágios propostos pela psicogenética Walloniana, que são: *impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, estágio do personalismo, estágio Categorial, estágio da adolescência.*

1.5 Teoria da Aprendizagem Significativa de acordo com David Ausubel

David Ausubel foi um psicólogo norte-americano, que propôs uma teoria da aprendizagem cujo principal conceito é a aprendizagem significativa. Segundo Ausubel et al (1980), a aprendizagem é significativa quando uma nova formação adquire significado para o aluno por meio de aspectos relevantes já existentes no indivíduo. Nesse processo, a nova informação interage com uma estrutura cognitiva de quem aprende, a qual Ausubel denomina de subsunçor. Os subsunçores servem de ancora para cada nova informação recebida pelo sujeito.

Ausubel propõe distinguir dois tipos diferentes de aprendizagem que são: Aprendizagem significativa e aprendizagem motorística ou mecânica. É necessárias duas condições para que a aprendizagem seja significativa. A primeira o aluno precisa ter disposição para aprender, a segunda é que o conteúdo escolar a ser aprendido seja significativo, lógico e psicologicamente. O significado lógico é relacionado à natureza do conteúdo e o psicológico é referente à experiência de cada um PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 8: David Ausubel



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa>

Segundo Ausubel, a mente do ser humano grava informações do mundo de forma organizada, como uma camada de conceitos, idéias, hipóteses mais gerais e inclusivas. Contestando a aprendizagem significativa, Ausubel define a aprendizagem motorística ou mecânica, na qual a forma de armazenamento humano acontece de forma arbitrária e literal na mente do indivíduo, onde o mesmo não interage com a estrutura cognitiva já existente, desta forma não adquirindo significados PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 9: Tirinha do Calvin refletindo o significado de aprendizagem significativa. Onde Calvin demonstra interesse por estudar sobre os Dinossauros



Fonte: <http://ensinoembio.blogspot.com/2013/12/aprendizagem-significativa-ausubel-e.html>

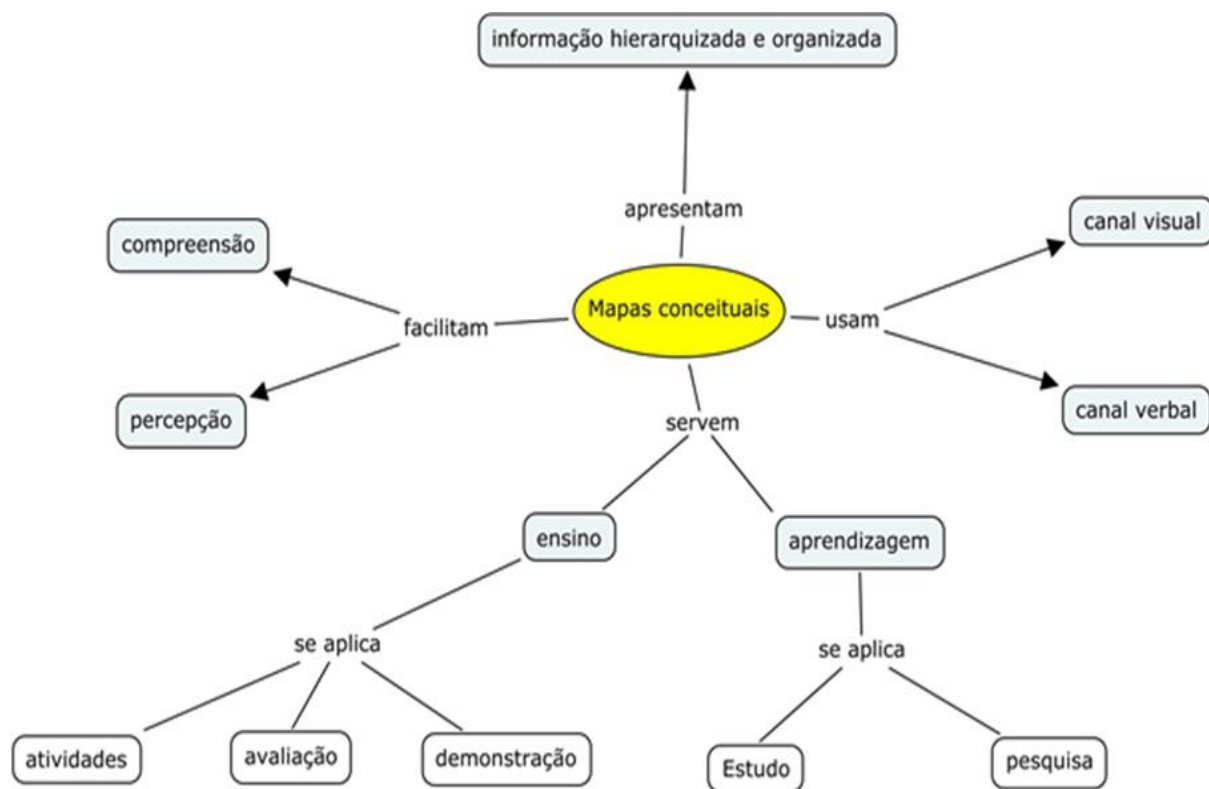
Mapas Conceituais

Foi através da aprendizagem significativa baseada nas teorias de Ausubel e partindo do princípio que aprendemos com mais facilidade a partir de idéias mais gerais e inclusivas, que em meados da década de 70, foi criado por Joseph Novak e seus colaboradores os mapas conceituais, que servem como estratégias de ensino. Para eles os mapas conceituais apreciam o processo de construção e reestruturação do conhecimento pelo próprio sujeito, pois esses mapas enfatizam o sentido do conhecimento sobre determinado tema. (NOVAK; GOWIN,1984)

Os autores defendem que os mapas conceituais têm como objetivo “representar relações significativas entre conceitos na forma de proposições. Uma proposição consiste em dois ou mais termos conceptuais ligados por palavras de modo a formar uma unidade semântica” (NOVAK; GOWIN,1984, p. 31).

Os mapas ajudam tanto os professores como alunos, nas idéias chaves que devem se focar para uma tarefa de aprendizagem específica. Quando a tarefa é concluída é possível visualizar um resultado esquemático do que foi aprendido através dos mapas conceituais (PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 10: Mapa conceitual



Fonte: <https://jorgeaudy.com/2014/06/08/mapas-conceituais/>

RESUMO

Neste tópico, aprendemos sobre as teorias de David Ausubel. Um grande psicólogo que conceituou a aprendizagem significativa. Podemos também distinguir a diferença entre a aprendizagem significativa e aprendizagem mecânica.

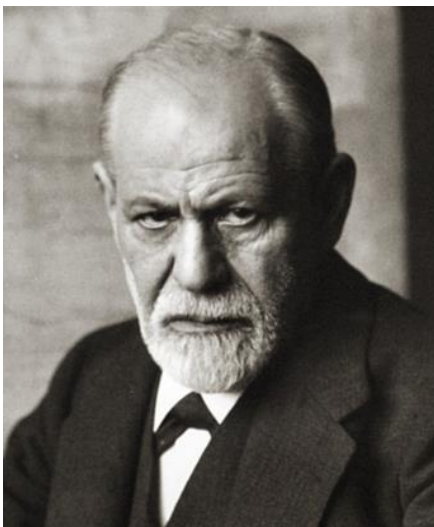
1.6 Sigmund Freud

Freud foi um médico vienense, que viveu 1856 a 1939, ele dedicou-se a compreender o psiquismo humano. No início da sua carreira, direcionou-se ao tratamento de histerias que eram em sua maioria mulheres, por meio das hipóteses, métodos que aprendeu com o psiquiatra Jean Charcot, na cidade de Paris. Os pacientes eram submetidos à sugestão hipnótica, os mesmos ficavam livres de sintomas de sofrimento. No entanto pouco tempo depois os sintomas voltavam a aparecer (PIOVESAN, et al. 2018).

Com o retorno dos sintomas e com o fato de quem nem todos pacientes conseguiam ser hipnotizados, Freud foi deixando pouco a pouco esse método e criando o seu próprio método de trabalho. Freud pedia para seus pacientes relatarem tudo que lhes viessem à mente e também que lhes contassem seus sonhos. Foi então que ele compreendeu que a partir disso que há fenômenos psíquicos que escapam à consciência humana. Então construiu sua teoria sobre consciente, inconsciente e pré consciente PIOVESAN, et al. 2018).

O consciente é composto pela percepção, atenção, pensamento, raciocínio, ou seja, tudo aquilo que está acessível. Já o pré consciente, na porção intermediária, é formado pelos conteúdos que estão totalmente disponíveis na consciência, mas com o exercício de introspecção, podem se tornar conhecidos, com algumas memórias e conhecimentos. No Inconsciente é possível encontrar conteúdos que o indivíduo não se dá conta, que de alguma forma foram escondidos por causarem angustia, vergonha, culpa, motivações violentas ou desejos egoístas. Freud deu o nome a esse processo de recalque ou recalçamento. Acontece para que o indivíduo preserve o equilíbrio do funcionamento psíquico, evita que o sujeito vivencie um grande sofrimento e se desestabilize emocionalmente PIOVESAN, et al. 2018).

Figura 10: Sigmund Freud



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/sigmund-freud/>

Freud ao longo dos seus estudos identificou que o aparelho psíquico era mais complexo do que imaginava anteriormente ao propor as três dimensões da mente (consciente, inconsciente e pré-consciente) introduziu então a hipótese da existência de outras três instancias psíquicas que são: id, ego e superego, que não anulam as idéias anteriores e sim as complementam. (NÁSIO, 1999; SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Id é a instância pulsional, a fonte da energia psíquica. É conduzido pelo princípio do prazer, seu objetivo é a obtenção de prazer e a evitação da dor e de modo imediato. É formado principalmente por aspectos inatos, não conhece ética, moral e valores. É impulsiva, egoísta e agressiva, parte animal da nossa personalidade. Ego é a instância responsável pelo contato com a realidade. Seu objetivo é satisfazer as demandas dos instintos primitivos de modo adequado ao ambiente em que vive. O superego é a instância da moralidade. Se funda a partir do ego e tem como objetivo eliminar os impulsos inaceitáveis do id, de modo que possibilite uma convivência civilizada. É responsável pelo senso certo e errado, pois compreende os valores morais e culturais do indivíduo (PIOVESAN, et al. 2018).

RESUMO

Neste tópico, aprendemos sobre os estudos de Freud e suas descobertas sobre o psiquismo humano. Vimos também os fenômenos psíquicos consciente, inconsciente e pré-consciente.

UNIDADE 2

OBJETIVOS

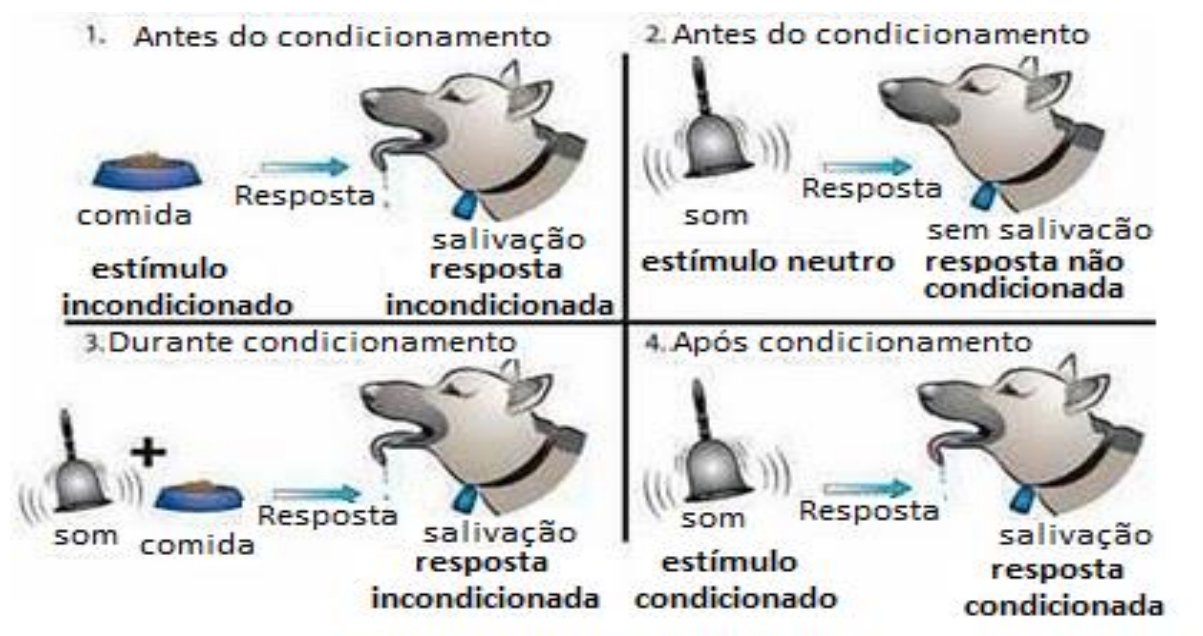
-  Reconhecer o desenvolvimento e seus aspectos culturais;
-  Conhecer a origem do Behaviorismo;
-  Discutir sobre as fases do desenvolvimento humano

2.1 Behaviorismo Metodológico de Watson

Behaviorismo significa comportamentalismo, em inglês foi estabelecido pelo norte americano John B. Watson, no começo do século XX. Watson indicava estudar aquilo que fosse possível ser notado e analisado por meio de procedimentos objetivos, característicos da ciência. Entre vários estudiosos que influenciaram as idéias de Watson, o fisiologista Ivan Petrovich Pavlov, criou a teoria do condicionamento clássico. (PIOVESAN et al., 2018).

Pavlov avaliou o processo de salivação dos cães. O fisiologista descobriu que através de um estímulo que antes era neutro, provocasse a salivação dos cachorros ao ser associado a um estímulo que gerasse naturalmente essa reação, que no caso é a comida. (CAMPOS, 2014; MATOS, 1993).

Figura 1: Experimento de Pavlov



Fonte: <https://www.championdog.com.br/o-cao-de-pavlov/>

Ao longo dos seus estudos Pavlov postulou leis do condicionamento, uma delas Campos (2014) destaca que:

Determinado estímulo natural ou incondicionado, que provoque resposta específica, atuando simultaneamente com um estímulo neutro ou inespecífico, para a resposta em questão, poderá ser substituído por este, a fim de provocar idêntica reação. (CAMPOS, 2014, p. 186)

Com essa referencia citada pelo autor podemos entender que por meio do pareamento de estímulos é possível promover mudança comportamental. O estímulo natural ou incondicionado é aquele que estimula determinada reação de forma natural e automática. No experimento de Pavlov é a comida ou o seu cheiro que provoca o estímulo incondicionado. Já o estímulo condicionado é aquele anteriormente neutro, mas que passa a ter uma resposta por ser estimulado pelo estímulo incondicionado, que no experimento era o som, pois após a associação com a comida causou salivção no cão. (PIOVESAN et al., 2018).

Foi baseada nas idéias de Pavlov que Watson não mediu esforços para tornar a Psicologia uma ciência, rebateu o estudo de tudo que não pudesse ser observável, como o inconsciente, pensamentos, comparando o ser humano a “uma caixa preta”, sobre qual não se pode afirmar nada. Segundo ele a psicologia deveria ter como objeto de estudo, o comportamento. Quanto a definição de comportamento, considerava aquilo que pode ser

registrado e quantificado. Para ele o comportamento era resultante do estímulo do ambiente, diante disso o Behaviorismo ficou conhecido pela sua lógica E-R (Estímulo-Resposta). A teoria de Watson teve como nome **Behaviorismo Metodológico**. (BAUM, 2006; CUNHA, 2002).

Figura 2: John B. Watson (Behaviorista comportamentalista)



Fonte: <https://psicologiasolta.webnode.com.pt/marcos-historicos/john-watson/>

RESUMO

Neste tópico, iniciamos falando sobre Behaviorismo estabelecido pelo americano John B. Watson. Watson desenvolveu sua tese de acordo com os estudos de Pavlov. A teoria de Watson ficou conhecida como Behaviorismo metodológico.

2.2 Behaviorismo Radical de Skinner

Muitos estudiosos sentiram-se provocados pelo Behaviorismo Metodológico, um dos mais conhecidos foi Burrhus Frederic Skinner, que ao seguir as idéias de Watson abandonou outras idéias e a partir disso propôs Behaviorismo Radical, que tem como centro o condicionamento operante. (PIOVESAN et al., 2018).

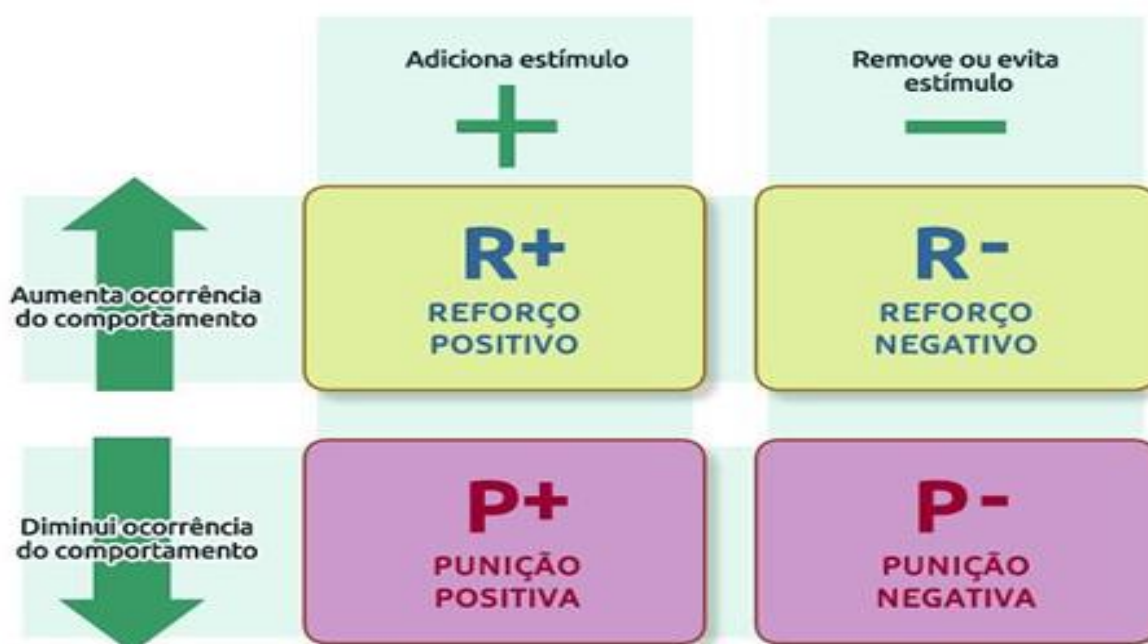
Este condicionamento é aquele comportamento de forma espontânea ou voluntariamente que atua no ambiente para modificá-lo, para além disso a “natureza e a frequência do comportamento operante serão determinadas ou modificadas pelo reforço que acompanha o comportamento” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015, p. 313). Esses comportamentos são conhecidos como: falar, escovar os dentes, ler, dentre outros.

Ao estudar a segunda classe de comportamento Skinner formulou a teoria do condicionamento operante. Segundo essa teoria a ocorrência ou não de certo comportamento é determinada por suas conseqüências, que são chamadas de reforçadoras ou punidoras (aversivas). As reforçadoras são aquelas que aumentam a freqüência da ocorrência do comportamento que as produziu. Em contrapartida as punidoras ou aversivas são aquelas q diminuem a freqüência de tal comportamento. (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2008)

É corriqueiro que o conhecimento do senso comum se aproprie dos saberes da ciência. As idéias de Skinner são exemplos disso. Os termos reforço e punição são freqüentemente utilizados quando é relacionado da mudança comportamental, só é preciso ter cuidado, pois é corriqueiro que haja confusão em relação aos termos, principalmente quando se fala em reforço negativo. (PIOVESAN et al., 2018).

O reforço negativo é muito confundido com a punição, mas é importante lembrar que o reforço é aquilo que aumenta a probabilidade de ocorrência de comportamento que o causou e a punição diminui a tal probabilidade. A punição pode ser de dois tipos: positiva ou negativa. A positiva ocorre quando algo desagradável acontece em função de determinado comportamento, o que acaba fazendo o que ele ocorra cada vez menos. A punição negativa é retirada pela retirada de algo agradável como forma de reduzir a ocorrência do comportamento. (PIOVESAN et al., 2018).

Figura 3: Reforço e punição



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/673851162968472425/>

Tipo de estímulos reforçadores

Não é possível definir a priori se um estímulo é reforçador ou não. Isso porque depende de características individuais e sociais. Não se sabe qual o efeito que a competitividade pode ter sobre cada um. Quando um professor estimula uma competição entre alunos em uma sala de aula, ele pode incentivar alguns alunos a se dedicarem mais, como também pode estar contribuindo para que outros estudantes evitem os estudos e vejam a escola como um ambiente aversivo (PIOVESAN et al., 2018).

O efeito da consequência de comportamento é variado, pois depende de cada indivíduo. Embora isso aconteça, considera-se que alguns estímulos são predispostos a serem reforçadores para todos os seres de uma espécie. A água, o alimento, ruídos mais fortes e odores desagradáveis, são exemplos de reforçadores primários. Os reforçadores secundários são aqueles que antes eram neutros, passam a ter caráter reforçador por estarem associados a reforçadores primários. Pode ser exemplificado como o hábito de dar flores. ao estarem associadas à expressão de afeto (reforçador primário) passam a apresentar um potencial reforçador. Os reforçadores generalizados são associados a vários reforçadores primários. Pode ser usado como exemplo o dinheiro, pois ele está associado à obtenção de vários outros reforçadores (PIOVESAN et al., 2018).

Na educação o Behaviorismo se tornou bastante conhecido. Algumas de suas principais contribuições nas práticas educacionais, foram relacionadas à proposta da instrução programada. (CAMPOS, 2014; CÓRIA-SABINI, 1986; HENKLAIN; CARMO, 2013): Alguns pontos a serem elencados:

- ✚ O conteúdo a ser ensinado deve ser subdividido em pequenas partes. Devem ser distribuídos em uma sequência lógica para possibilitar a passagem gradual de uma etapa para outra. O uso de reforçadores ao longo de todo o processo é de grande importância.
- ✚ Deve-se ter cuidado com o excesso de punição, pois tende a levar a esquiva.
- ✚ Deve-se respeitar o ritmo de aprendizagem de cada estudante.
- ✚ É importante que o ensino seja pensado de forma que apresente conhecimentos futuros, pois segundo “Skinner, educar é estabelecer comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para os outros no futuro.” (CÓRIA-SABINI, 1986, p. 12).
- ✚ O planejamento é uma etapa de muita importância para o processo de ensinar, pois o professor deve ter clareza no que deve ser ensinado.
- ✚ A avaliação se torna muito útil, um dos motivos “o erro indica ao professor que o seu procedimento de ensino não está sendo efetivo e que algo em seu planejamento de ensino precisa ser revisto” (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 716).
- ✚ O professor deve instigar uma atitude ativa por parte do aluno, ou seja, que o mesmo participe do processo e não fique só como receptor de informações. Lembrando que reforçar não é sinônimo de elogiar. Pode reforçar positivamente dedicando a atenção ao aluno, mostrando interesse por suas opiniões.



Para entender melhor assista ao video: https://youtu.be/VW7_24SwG7M

RESUMO

Neste tópico, iniciamos falando sobre o grande estudioso Burrhus Frederic Skinner. Que teve como proposta o Behaviorismo radical e sua grande contribuição para educação.

2.3 Psicologia Humanista

Foi no final da década de 50 e no início dos anos 60, surgiram grupos insatisfeitos com as abordagens psicológicas dominantes nessa época (Psicanálise e Behaviorismo), foi a partir disso que se deu início uma das principais teorias psicológicas, a Psicologia Humanista. Uns dos principais estudiosos era Abraham Maslow (1908-1970) e Carl Rogers (1902-1987) PIOVESAN (2018).

Abraham Maslow (1908-1970)

De acordo com (PIOVESAN et al., 2018). Maslow fez duras críticas à Psicanálise e Behaviorismo. Declarava que a Psicanálise estudava somente pessoas com transtornos psíquicos e ignoravam os aspectos saudáveis e positivos da mente. Quanto ao Behaviorismo ele entendia que a mente era muito mais complexa do que se podia compreender a partir de estudo com animais. Então sugeriu o estudo do homem fosse a partir de uma visão holística e que considerasse a tendência inata a satisfação de determinada necessidade, onde levam o indivíduo a crescer, desenvolver-se e realizar todo seu potencial. Segundo Maslow as necessidades humanas são cinco e estão organizadas de forma hierárquica.

Figura 4: A Pirâmide das Necessidades de Maslow



Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/72520615/piramide-de-maslow>

Explicando as necessidades:

Necessidades fisiologias	São necessidades básicas e de maior força quando não realizadas, elas apresentam a sobrevivência do indivíduo.
Necessidades de segurança	É caracterizada pela importância de um ambiente seguro e protegido. Um lugar que não apresente ameaças de perigo para o indivíduo.
Necessidades de aflição e de amor	Também conhecida como necessidades sociais, está relacionada a tendência de como nos vinculamos a outras pessoas, seja por meio de amizades ou de um relacionamento. Sentir-se amado e fazer parte de um grupo de pessoas é uma necessidade que causa um impacto positivo nas pessoas.
Necessidades de estima	Está relacionada às necessidades de aflição e amor. Onde temos a tendência de almejar por conhecimento e sucesso social. Para além disso a necessidade de autovalorização, ou seja auto estima. É essencial para o enfrentamento de desafios e dificuldades de modo saudável.
Necessidade de autorrealização	É a hierarquia mais elevada, sendo mais difícil de ser alcançada. É configurada no máximo do desenvolvimento dos potenciais, talentos e capacidades individuais. A autorrealização é difícil de ser alcançada, pois caso umas das outras não forem realizadas com mínima satisfação sua aquisição estará comprometida.

FONTE: PIOVESAN et al., 2018.

Carl Rogers

Carl Rogers foi um psicólogo norte-americano, foi considerando um grande expositor da abordagem humanista, tinha suas idéias bastante disseminadas e utilizadas em diferentes contextos. A partir de experiências clínicas elaboradas e em oposição aos princípios psicanalíticos e behaviorista, sua teoria foi elaborada. Para Rogers o homem é um ser que está sempre em movimento, sempre em mudança (PIOVESAN et al., 2018).

Para Rogers o ser humano possuía uma motivação única, a realização de seus potenciais. Ela é inata e objetiva à manutenção e ao aprimoramento do self, que abrange tanto as necessidades fisiológicas como as psicológicas, Rogers deu o nome de atualizante a essa tendência (ROGERS, 2001; SCHULZ; SCHULTZ, 2015).

Apesar da tendência atualizante seja essencial, o ser humano não é imune a influência dos aspectos ambientais, a modo que as experiências sociais podem reprimi-la ou favorecê-las. Deste modo, foi apontado por Rogers condições facilitadoras para o potencial humano de autoatualização aconteça de modo satisfatório, serão abordadas três delas: consideração positiva, compreensão empática e congruência (ARAÚJO; VIEIRA, 2013; DUARTE, 2004; SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

Consideração positiva	Conglomera com a aceitação, o amor e a aceitação recebidas por outras pessoas. Quando acontece da aceitação ser independente dos comportamentos das pessoas é chamado de consideração positiva incondicional.
Compreensão empática	É a habilidade de temporariamente se desprender da sua própria opinião, sentimentos e julgamentos para se colocar no lugar do outro.
Congruência	Consiste na capacidade de manter uma relação genuína e espontânea. Para que isso seja possível é necessário que o indivíduo seja congruente consigo mesmo.

A partir dos conceitos abordados acima, somados a outras concepções apresentada por Rogers fundamentaram a proposição da Abordagem Centrada da Pessoa, sendo assim é possível mencionar diversas contribuições no contexto educacional. O ambiente escolar deve favorecer a manifestação das três condições facilitadoras que foram descritas, a fim de auxiliar os alunos no desenvolvimento pleno de suas capacidades (PIOVESAN et al., 2018).



Para entender melhor assista ao vídeo: <https://youtu.be/nQYSYyJFQH0>

RESUMO

Neste tópico, falamos sobre dois grandes estudiosos da Psicologia Humanista Abraham Maslow e Carl Rogers. Os dois eram insatisfeitos com as abordagens psicológicas da época (década de 50 e 60) e foi a partir disso que deram início as suas teorias.

2.4 Desenvolvimento: aspectos culturais

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), o desenvolvimento humano compreende o desenvolvimento mental e orgânico. O desenvolvimento mental é considerado uma construção consecutiva, que é caracterizado por estruturas mentais gradualmente, as quais organizam a atividade mental se aperfeiçoando e solidificando até desenvolver-se completamente provocando um estado de equilíbrio referente aos aspectos da inteligência, socialização e afetividade.

O desenvolvimento humano tem como estudo conhecer as características comuns nas diferentes faixas etárias da vida do ser humano. O entendimento desses aspectos para educação torna-se importante na medida que o planejamento do ensino implica em conhecer quem é e como desenvolve cada aluno. É nesse sentido que a Psicologia do desenvolvimento se utiliza de métodos de observação e experimentação, dentre esses métodos destacam-se: longitudinal e o transversal (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Observações longitudinais são efetuadas em um longo período de tempo, onde são empregados sempre os mesmos sujeitos. Exemplo: métodos que submetem crianças na faixa etária de 3 até 8 – 10 anos de forma semestral, com o intuito de conhecer o desenvolvimento e a capacidade dessas crianças. **Observações transversais** efetuadas durante um menor tempo, aplicada em sujeitos de diferentes idades. Exemplo: estudar o desenvolvimento de atenção de crianças de várias idades, tipo de 4 a 10 anos, os testes são adequados a cada idade, onde o

mesmo tem como objetivo conhecer o desenvolvimento da capacidade de atenção (PIOVESAN et al., 2018).

Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2008), estudar o campo de desenvolvimento nos leva a compreender que o indivíduo por meio da interação de diversos fatores influencia o desenvolvimento humano, esses fatores podem ser apresentados da seguinte maneira:

- Hereditariedade: tem como definição carga genética do indivíduo;
- Crescimento orgânico: conhecido como processo do aumento do tamanho corporal;
- Maturação neurofisiológica: o que determina certos padrões do comportamento;
- Meio: é o conjunto de influências e estímulos ambientais que podem modificar certos padrões de comportamento do indivíduo;

Os aspectos físico-motor, afetivo-emocional, intelectual e social, são compreendidos no estudo do desenvolvimento humano em sua globalidade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

- Aspecto físico – motor: é constituído no crescimento orgânico, na maturação neurofisiológica, capacidade de manipulação dos objetos e no exercício do próprio corpo;
- Aspecto afetivo emocional: é a forma onde as pessoas integram suas experiências, ou seja, o sentir;
- Aspecto intelectual: consiste na capacidade de pensar e de raciocinar;
- Aspecto social: O modo que o ser humano reage frente a situações que envolvem outras pessoas

Papalia, Olds e Feldeman (2006) apresentam o desenvolvimento humano como área de estudo que se dedica a compreender os modos como as pessoas se modificam e também como ficam iguais ao longo do tempo, desde a concepção até a morte. Segundo os autores as mudanças do desenvolvimento apontam em mudanças quantitativas e qualitativas. As quantitativas são correspondentes a alterações nos números ou quantidade, tendo como exemplo aumento de pesos, da altura e do vocabulário. A qualitativa trata-se de mudanças de tipo, estrutura ou organização, um bebê que não fala para uma criança que fala e compreende a língua.

Ao longo da vida as mudanças que ocorrem são relacionadas a idade média de cada faixa etária para ocorrência de certos fenômenos. Em regra, as pessoas passam pela mesma

seqüência de desenvolvimento, embora existam diferenças individuais. Nesse sentido, Papalia, Olds e Feldman (2006) classificam oito períodos de ciclo vital, conforme o quadro abaixo:

Figura 5: Período do ciclo vital

TABELA 1 – Oito principais períodos do ciclo vital

Faixa Etária	Desenvolvimento Físicos	Desenvolvimento Cognitivos	Desenvolvimentos Psicossociais
Período Pré-natal (concepção ao nascimento)	Ocorre a concepção. A dotação genética interage com as influências ambientais desde o início. Formam-se as estruturas e os órgãos corporais básicos. Inicia-se o crescimento cerebral. O crescimento físico é o mais rápido de todo o ciclo vital. O feto ouve e responde a estímulos sensoriais. A vulnerabilidade a influências ambientais é grande.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes durante a etapa fetal.	O feto responde à voz da mãe e desenvolve uma preferência por ela.
Primeira Infância (nascimento aos 3 anos)	Todos os sentidos funcionam no nascimento em graus variados. O cérebro aumenta de complexidade e é altamente sensível à influência ambiental. O crescimento e o desenvolvimento físico das habilidades motoras são rápidos.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes, mesmo nas primeiras semanas. O uso de símbolos e a capacidade de resolver problemas desenvolvem-se ao final do segundo ano de vida. A compreensão e o uso da linguagem desenvolvem-se rapidamente.	Desenvolve-se um apego a pais e a outras pessoas. Desenvolve-se a autoconsciência. Ocorre uma mudança da dependência para a autonomia. Aumenta o interesse por outras crianças.
Segunda Infância (3 aos 6 anos)	O crescimento é constante; o corpo fica mais delgado e as proporções mais semelhantes às de um adulto. O apetite diminui, e os problemas de sono são comuns. A preferência pelo uso de uma das mãos aparece; as habilidades motoras finas e gerais e força aumentam.	O pensamento é um pouco egocêntrico, mas a compreensão do ponto de vista das outras pessoas aumenta. A imaturidade cognitiva leva a algumas ideias ilógicas sobre o mundo. A memória e a linguagem se aperfeiçoam. A inteligência torna-se mais previsível.	O autoconceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global. Aumentam a independência, a iniciativa, o autocontrole e os cuidados consigo mesmo. Desenvolve-se a identidade de gênero. O brincar torna-se mais imaginativo, mais complexo e mais social. Altruísmo, agressão e temores são comuns. A família ainda é o foco da vida social, mas as outras crianças tornam-se mais importantes. Frequentar a pré-escola é comum.

Terceira Infância (6 aos 11 anos)	O crescimento diminui. Força e habilidades atléticas aumentam. Doenças respiratórias são comuns, mas a saúde geralmente é melhor do que em qualquer outro período do ciclo vital.	O egocentrismo diminui. As crianças começam a pensar com lógica, mas da maneira concreta. As habilidades de memória e linguagem aumentam. Os desenvolvimentos cognitivos permitem que as crianças beneficiem-se com a educação escolar. Algumas crianças apresentam necessidades e talentos educacionais especiais.	O autoconceito torna-se mais complexo, influenciando a auto-estima. A co-regulação reflete a transferência gradual de controle dos pais para a criança. Os amigos assumem importância central.
Adolescência (11 aos aproximadamente 20 anos)	O crescimento físico e outras mudanças são rápidas e profundas. Ocorre maturidade reprodutiva. Questões comportamentais, como transtornos alimentares e abuso de drogas, trazem importantes riscos à saúde.	Desenvolve-se a capacidade de pensar em termos abstratos e utilizar o raciocínio científico. O pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e em alguns comportamentos. A educação se concentra na preparação para a faculdade ou para a vida profissional.	Busca de identidade, incluindo a identidade sexual, torna-se central. Relacionamentos com os pais são, em geral, bons. Os grupos de amigos ajudam a desenvolver e testar o autoconceito, mas também podem exercer uma influência anti-social.
Terceira idade (65 anos em diante)	A maioria das pessoas é saudável e ativa, embora a saúde e as capacidades físicas diminuam um pouco. O tempo de reação mais lento afeta alguns aspectos do funcionamento.	A maioria das pessoas é mentalmente alerta. Embora a inteligência e a memória possam se deteriorar em algumas áreas, a maioria das pessoas encontra formas de compensação.	A aposentadoria pode oferecer novas opções para a utilização do tempo. As pessoas precisam enfrentar as perdas pessoais e a morte iminente. Os relacionamentos com a família e com os amigos íntimos pode oferecer apoio importante. A busca de significado na vida assume importância central.

Fonte: <https://cursocompletodepedagogia.com/tag/quais-os-periodos-do-ciclo-vital/>

RESUMO

Neste tópico, falamos sobre os aspectos culturais do desenvolvimento humano. Descobrimos de acordo com os autores (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008) que desenvolvimento humano tem como estudo conhecer as características comuns nas diferentes faixas etárias da vida do ser humano.

2.5 As fases do desenvolvimento

Podemos compreender que o desenvolvimento é um processo continuado no decorrer da vida e cada fase do ciclo apresenta suas próprias características. “Cada período do ciclo da vida é influenciado pelo que ocorreu antes e irá afetar o que virá depois” (PAPALIA; OLDS, 2000, p. 31)

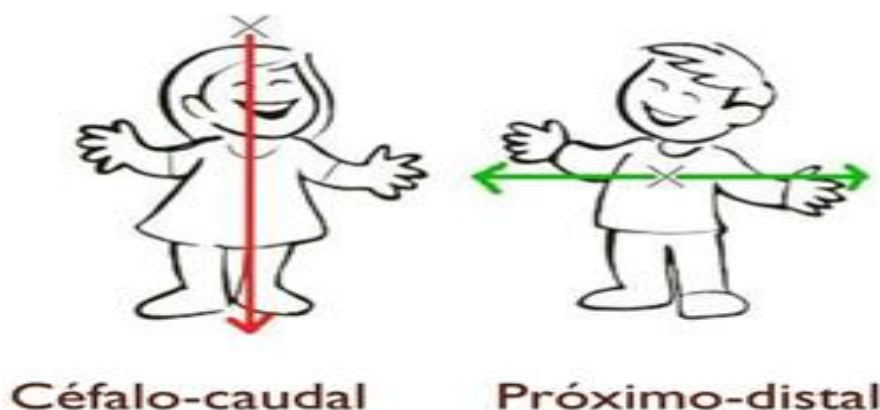
Infância

Segundo Ariès (1981) não existia noção de infância até o século XVII. As crianças eram vistas como adultas em miniaturas, mais fracas e menos inteligentes. Foi apenas no século XIX que os caminhos foram abrindo para o estudo científico do desenvolvimento infantil. É corriqueiro que se subdivida a infância em períodos menores, de modo a aprofundar sua compreensão. É possível dividir o desenvolvimento infantil em três etapas: primeira infância, segunda infância e terceira infância.

Primeira infância

A primeira infância é compreendida do período do nascimento até os primeiros anos de idade. O desenvolvimento motor e o crescimento físico acontecem conforme dois princípios: cefalocaudal, o desenvolvimento avança da cabeça para as partes inferiores e próximo-distal, o desenvolvimento avança do centro do corpo para partes externas (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Figura 6: Princípios do desenvolvimento cefalocaudal e próximo-distal



Fonte: <https://slideplayer.com.br/slide/12086481/>

O crescimento mais presente no corpo acontece no primeiro ano, embora o crescimento continue rápido durante os três primeiros anos de vida da criança. É desenvolvida de forma rápida as capacidades sensoriais presentes desde o nascimento, além de ganharem controle sobre o movimento do seu corpo durante os primeiros anos de vida. As habilidades motoras desenvolvem-se em seqüência definidas e a auto locomoção apresenta-se como um evento determinante, gerando mudanças em todas as áreas de desenvolvimento. No entanto padrões ambientais e culturais podem influenciar no ritmo do desenvolvimento motor (PAPALIA; OLDS, 2000).

As crianças desenvolvem cognitivamente a fala pré- lingüística nessa fase, ou seja, aquela que parece ser a primeira palavra incluindo o choro, arrulhos, balbucio e as imitações de sons; aos seis meses as crianças já aprenderam o som básico da língua. Antecedente à pronuncia da primeira palavra, as crianças utilizam gestos para se comunicarem, estes consistem em apontar, gestos sociais, representacionais e simbólicos. Por volta dos 9 a 10 meses a criança a compreender a fala com significado, no segundo ano de vida já consegue falar a língua da cultura na qual está inserida. A fala aparece em torno dos 10 a 14 meses, dando início a fala lingüística, que diferente da fala pré-linguística, não está mais relacionada a idade cronológica. Por volta dos 3 anos de idade a criança já desenvolve de maneira razoável a gramática e a sintaxe e a fala caracterizada pela simplificação, restrição e significado da palavra (PAPALIA; OLDS, 2000).

Segunda Infância

As crianças vivenciam a segunda infância, também conhecida como anos pré escolares dos três aos seis anos de vida. Nessa fase a aparência da criança muda, suas habilidades mentais e motoras desenvolvem-se amplamente e sua personalidade passa ser mais complexa. A medida que as crianças conseguem ter mais controle de seus músculos, elas conseguem administrar suas necessidades pessoais, tais como: higienizar-se, vestir-se, entre outros. Conseguindo assim uma maior autonomia (PAPALIA; OLDS, 2000).

A atividade principal da criança nessa fase é brincar, as brincadeiras estão relacionadas ao desenvolvimento social, emocional cognitivo, variando de acordo com as culturas e sendo influenciadas pelos ambientes criados pelos adultos. É através da brincadeira que a criança explora o mundo, imita, se coloca no lugar do adulto e aprende qual o propósito dos fatos (PAPALIA; OLDS, 2000).

“Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais”. (BRASIL, 1998, p.22)

Terceira Infância

A faixa etária que corresponde a terceira infância é de seis aos doze anos de idade, que também pode ser conhecida como anos escolares, pois a escola, nessa fase consiste na experiência central, tornando-se foco no desenvolvimento físico, social e cognitivo. Nesse período as crianças desenvolvem maiores competências em todos os campos. No campo físico elas desenvolvem maiores habilidades físicas necessárias para participarem de jogos e esportes organizados. Elas ficam num processo mais lento que as anteriores, pois ficam mais altas, pesadas e mais fortes. As meninas nessa fase desenvolvem mais rápido que os meninos. Além disso, o desenvolvimento motor permite às crianças na idade escolar participem de uma ampla gama de atividades, começam a existir diferença nas habilidades motoras entre os gêneros aumentando até a puberdade, principalmente da maior força dos meninos e das expectativas e experiências culturais (PAPALIA; OLDS, 2000).

A criança nessa época desenvolve noção de autoconceito, possibilitando a formação de sistemas representacionais mais equilibrados e realistas. Em relação aos processos psicossociais, a autoestima liga os aspectos cognitivos, sociais e emocionais da personalidade, assim, a autoestima ou valor próprio vai depender do quanto a criança acredita ser competente e do apoio social que ela recebe. A cultura é uma forte influência no relacionamento da criança e nos papéis familiares. Ainda que as crianças passem menos tempos com os pais e mais com seus pares, o relacionamento com seus pais continuam a ser mais importante (PAPALIA; OLDS, 2000).

Os laços afetivos com os amigos, vizinhos e colegas aumentam nessa fase. Formam-se grupos distintos, meninos de um lado e meninas de outro. Um momento muito crítico para criança, pois elas ficam sensíveis às críticas e avaliações, por qualquer motivo a criança pode se sentir comprometida em sua capacidade de aprender (EIZIRIK; BASSOLS, 2001).

Adolescência

Para Papalia; Olds, 2000 a adolescência pode ser acentuada como transição no desenvolvimento entre a infância e a fase adulta. Começa aproximadamente aos 12 anos e dura até o fim dos 20 anos. Os autores tem opiniões diferentes na questão da idade que se inicia e em que termina a adolescência, e por isso, não é afirmativo que exista um ponto exato para seu início e fim. Os autores acordam, entretanto, em considerar que a adolescência se inicia com a puberdade. A puberdade consiste no processo de maturação sexual, ou seja, a capacidade de reprodução.

As características da adolescência reforçam o quanto é necessário compreender essa etapa do desenvolvimento que se configura em um período de inúmeras transformações, em que estão presentes modificações sociais, físicas, emocionais e cognitivas, essas são extremamente importantes na construção do autoconceito dos adolescentes (EIZIRIK, 2001.; ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

Relacionando com o desenvolvimento cognitivo, os adolescentes passam a pensar de forma abstrata, sendo capazes de relacionar de modo hipotético – dedutivo. Além disso, podem pensar em termos de possibilidades, testarem hipóteses e lidar de forma flexível com os problemas (PAPALIA; OLDS, 2000).

Barros (2008) afirma que durante o período de busca e indecisão, o adolescente é caracterizado pela introversão (voltar-se para dentro), pois está fixamente ocupado com seus próprios sentimentos, tendendo a se entregar facilmente ao devaneio e se interessar por narrativas, sendo comum a sua identificação com os heróis que deles fazem parte.

Para Papalia; Olds, 2000; Eizirik, 2001 os adolescentes vivenciam a questão central da busca pela identidade por meio de elementos ocupacionais, sexuais e de valores. A sexualidade nesse sentido é de muita importância na formação da identidade e a orientação sexual está diretamente influenciada pela interação de fatores biológicos e ambientais. Já em relação aos seus relacionamentos os adolescentes costumam a não ter uma relação muito harmoniosa com seus pais, ou seja, nessa fase ocorre um processo de individualização dos pais. Costumam passar maior parte do tempo com seus amigos, tornando-se cada vez mais íntimos, além da tendência de formação de grupos e o início das relações sexuais.

Erikson tem uma teoria de desenvolvimento psicossocial que o estágio vivenciado nessa época é identidade versus confusão de identidade. Nesta fase “a pessoa se torna consciente das características individuais inerentes, de situações, pessoas e objetos dos quais gosta ou não, de metas futuras” (HALL, LINDZEY; CAMPBELL, 2007, p.173).

Devido à difícil transição da infância à idade adulta, por um lado, e à sensibilidade à mudança social e histórica, por outro, o adolescente, durante o estágio da formação da identidade, tende a sofrer mais profundamente do que nunca em virtude da confusão de papéis, ou da confusão de identidade. Esse estado pode fazer com que ele se sinta isolado, vazio, ansioso e indeciso. O adolescente sente que precisa tomar decisões importantes, mas é incapaz de fazer isso. Ele pode sentir que a sociedade o pressiona para tomar decisões; assim, ele fica ainda mais resistente. (HALL, LINDZEY; CAMPBELL, 2007, p.173).

É muito comum escutarmos os adultos falando sobre a adolescência de forma negativa, desvalorizando os problemas enfrentados pelos os adolescentes e minimizando a tarefa que essa fase da vida impõe ao sujeito em nossa sociedade. Os adolescentes se sentem crianças e às vezes se sentem adultos e é dessa forma que em geral os outros os tratam. A fim de explicar esse período complexo e tão importante do desenvolvimento, Aberastury e Knobel (1981) propuseram 10 características da adolescência, segue abaixo:

- Busca de si mesmo e da identidade;
- Tendência grupal;
- Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- Crises religiosas; Crises religiosas;
- Descolamento temporal;
- Evolução sexual do auto-erotismo à heterossexualidade;
- Atitude social reivindicatória;
- Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta;
- Separação progressiva dos pais;
- Constantes flutuações do humor.

RESUMO

Neste tópico, falamos sobre as fases do desenvolvimento: infância, primeira infância, segunda infância, terceira infância e adolescência. Foi possível compreendermos que cada fase tem suas características e que segundo Papalia; Olds, 2000, que cada período do ciclo da vida depende do que ocorre antes e do que virá depois.

UNIDADE 3

OBJETIVOS

-  **Abordar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem;**
-  **Discutir a importância da psicologia da aprendizagem e suas características;**
-  **Conhecer os alcances do processo de aprendizagem.**

3.1 Psicologia da Aprendizagem

O desenvolvimento das disciplinas científicas, entre elas a de Psicologia se fortaleceu no século XIX. Os estudos resultaram no desenvolvimento de diferentes teorias acerca dos processos de construção do conhecimento. Já no século XX diversas pesquisas surgidas em observações e experimentos colaboraram para abertura para um campo de estudos que posteriormente, iria se estruturar em torno de diferentes teorias cognitivas ou teorias de aprendizagem, decisivas para a compreensão das diferentes variáveis envolvidas nos processos de construção e desenvolvimento e sua relação como sujeito que aprende. Para Fernández (2001, p. 124), “a aprendizagem é uma construção singular que cada sujeito vai fazendo a partir de seu saber para ir transformando as informações em conhecimento”. (PIOVESAN et al., 2018).

Avaliando a aprendizagem

O termo aprendizado ou aprendizagem significa “aquisição de uma técnica qualquer, simbólica, emotiva ou de comportamento, ou seja, mudança nas respostas de um organismo ao ambiente, que melhore tais respostas com vistas à conservação e ao desenvolvimento do próprio organismo.” Segundo o dicionário de filosofia Nicola Abbagnano (2007, p. 75).

De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009, p.165) comina para o termo aprendizado ou aprendizagem a seguinte significação: “ato, processo ou efeito de aprender; duração desse processo; experiência inicial do que se aprendeu prática, experiência.”

Já para Fernández (2001, p. 124), “a aprendizagem é uma construção singular que cada sujeito vai fazendo a partir de seu saber para ir transformando as informações em conhecimento”. Num sentido aberto, pode-se entender por aprendizagem a capacidade que o sujeito apresenta de dar resposta que se adaptam as solicitações de desafios sugeridos na sua interação com o meio.

A aprendizagem causa mudanças no comportamento do aprendiz. Por meio dos processos gerados pela aprendizagem os homens se apropriam dos recursos criados para a vida em sociedade e se inserem no processo histórico da humanidade (PIOVESAN et al., 2018).

Para Vygotsky (1988), a aprendizagem é relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana, tendo início ainda muito antes da criança entrar na escola. É um processo contínuo e permanente que pode ocorrer em diferentes espaços, sejam formais que no caso é a escola e os informais. A aprendizagem permite que sejam despertados processos internos do desenvolvimento, em que as relações estabelecidas influenciam intensamente esses processos. Embora haja um percurso de desenvolvimento definitivo é através da aprendizagem individualmente pelo processo de maturação de cada organismo, é através da aprendizagem que tais processos são impulsionados (OLIVEIRA, 2002).

A partir da formulação de Vygotsky, Oliveira (2002) define aprendizagem ou aprendizado como:

Processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, licenciatura em computação| Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem · 61 justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo (OLIVEIRA, 2002, p. 57).

Vygotsky defende ainda que o aprender exige que o ser humano relacione processos psicológicos com aspectos culturais, instrumentais e históricos destacando o papel fundamental da linguagem (OLIVEIRA, 2002).

RESUMO

Neste tópico, falamos um pouco sobre aprendizagem e seus significados. Vimos que a aprendizagem sempre esteve ligada a vida humana e o quanto é importante para o desenvolvimento.

3.2 Aprendizagem e suas características

CAMPOS, 2014, p. 16, afirma que “Explicar o mecanismo da aprendizagem é esclarecer a maneira pela qual o ser humano se desenvolve, toma conhecimento do mundo em que vive, organiza sua conduta e se ajusta no meio físico e social”. A declaração de campos dirige para alguns questionamentos sobre o que é aprendizagem? Como aprendemos? E quais os tipos diferentes de aprendizagem? Podemos ver no quadro abaixo algumas características da aprendizagem apresentada por campos

1. **Processo dinâmico:** a aprendizagem faz com que o indivíduo participe ativamente;
2. **Processo contínuo:** a aprendizagem está presente desde o nascimento até o fechamento de nosso ciclo vital. Aprendemos de formas diferentes, de acordo com nossa faixa etária, nível em que esta o nosso desenvolvimento, contexto em que estamos inseridos, sejam estes formais ou informais.
3. **Processo global:** por ativar mudanças no comportamento, o processo de aprendizagem solicita a participação total do indivíduo, em seus aspectos físicos, intelectuais, emocionais e sociais. O desenvolvimento humano ocorre de maneira global, em que todos os aspectos que o constituem evoluem gradativa e concomitantemente, necessitando um completo envolvimento do indivíduo no ato de aprender.
4. **Processo pessoal:** a aprendizagem é um conhecimento individual, ninguém pode aprender por nós, também não podemos aprender por outrem. Cada pessoa tem uma maneira de aprender e um ritmo de aprendizagem, o que lhe confere um caráter pessoal e intrasferível.
5. **Processo gradativo:** a aprendizagem se desenvolve de modo gradativo, em que as operações realizadas vão se tornando cada vez mais complexas. Uma nova aprendizagem sempre agrega elementos às aprendizagens anteriores, aumentando sua complexidade.
6. **Processo cumulativo:** as aprendizagens somam-se umas às outras de modo que vamos acumulando experiências. O acúmulo de experiências provoca a organização de novos padrões de comportamento que, quando incorporados pelo indivíduo, geram mudanças no seu próprio repertório comportamental. Quanto mais experiências são vivenciadas, maiores são as possibilidades de aprender.

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, a aprendizagem não pode ser vista como uma simples repetição de informação e não deriva apenas do processo de memorização. Para que ela aconteça estão envolvidos “o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto física quanto mentais e afetivas” (CAMPOS, 2014, p. 33).

Figura 1: aluno como sujeito passivo



Fonte: <https://pedagogiaparaconcursos.blogspot.com/2017/04/>

Para aprendizagem ocorrer de maneira satisfatória, além de outros aspectos, é necessário considerar que cada estudante apresenta uma afeição à aquisição do conhecimento por diferentes canais sensoriais. As diferentes tendências de aprendizado, é dado o nome de estilo de aprendizagem. Para Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 161) “Os estilos de aprendizagem referem-se às diferenças individuais na maneira como a informação é compreendida, processada e comunicada”.

Há algumas teorias que buscam definir estilos de aprendizagem, dentre elas merecem destaques a desenvolvida por Fernald e Keller e Orton-Gillingham, que propõe o modelo VAC (VISUAL, AUDITIVO e CINESTÉSICO). Esse modelo é baseado nos sentidos e compreende três estilos: Estilo visual: o indivíduo tem afeição às aprendizagens através dos estímulos visuais apresentam interesses através de imagens; estilo auditivo: já no auditivo o indivíduo tem estímulo no através do som, linguagem falada; Estilo Cinestésico: o estímulo vem através dos movimentos corporais. O uso de experiência vem do tocar, sentir e explorar é de grande importância para esse estilo (PIOVESAN et al., 2018).

É muito corriqueiro haver estilo de aprendizagem dominante, cabe então destacar que todos os canais sensoriais são importantes para aquisição do conhecimento, além disso, a diversidade em uma sala de aula exige o uso de uma abordagem multissensorial (PIOVESAN et al., 2018).

O reconhecimento de que há uma característica individual no modo com que cada pessoa aprende – estilo de aprendizagem – e a identificação de que há diferenças básicas nas formas de apreender e relacionar os dados da realidade – estilo cognitivo – implica forçosamente na revisão e atualização dos processos de ensinar e aprender. (NATEL; TARCIA; SIGULEM, 2013, p. 146).

Figura 2: Estilos de aprendizagem



Fonte: <https://www.iniciativaeducacao.org/pt/ed-on/ed-on-artigos/estilos-de-aprendizagem-ganham-popularidade-na-escola-mas-e-o-que-diz-a-ciencia>

RESUMO

Neste tópico, estudamos um pouco sobre os estilos de aprendizagem. É importante refletirmos que o indivíduo tem seu tempo e seu modo de aprender. A aprendizagem deve ser agradável para o aprendiz, só assim ela será eficaz.

3.3 Extensões do processo de aprendizagem

A aprendizagem esta interligada com o desenvolvimento e dependem tanto dos movimentos internos (intrínsecos) quanto externos (extrínseco) do ser humano. Os internos compreendem ter aspectos que se inter-relacionam: corpo quanto um instrumento responsável pelos automatismos, coordenações e articulações, cujo o organismo representa a infraestrutura que possibilita o indivíduo a perceber, registrar, reconhecer e gravar os diferentes estímulos que os cercam, as estruturas cognitivas responsáveis por organizarem os estímulos transformando-

os em conhecimento, representam o que está na base da inteligência; dinâmica do comportamento, está relacionado a capacidade do indivíduo de agir de modo dinâmico sobre a realidade em sua volta, causando mudanças no comportamento. Os fatores externos são aqueles que dependem das condições oferecidas pelo meio em qual o indivíduo está inserido (PAÍN, 1985).

Pain (1985) inscreve o processo de aprendizagem na dinâmica de transmissão da cultura, aumentando o sentido da palavra da educação. Observa que a educação possui quatro funções:

- 1) Mantenedora/conservadora: reprodução de normas que conduzem as ações, garantindo a continuidade da espécie humana: transmissão da cultura;
- 2) Socializadora: por meio da língua, da cultura, transforma o indivíduo em sujeito que se identifica com o grupo e passa a internalizar seu conjunto de regras;
- 3) Repressora: utiliza-se de meios para garantir a manutenção do sistema que rege a sociedade conservando e reproduzindo as limitações existentes;
- 4) Transformadora: quando as contradições do sistema são percebidas e reconhecidas e os sujeitos adotam uma postura de enfrentamento dessas contradições, em que a aprendizagem se torna uma possibilidade libertadora.

Sendo assim, a autora observa que o conhecimento é uma preparação conjunta que quem ensina e de quem aprende, é uma construção e produção humana. A aprendizagem envolve muitas variáveis em seu processo, necessitando assim de um olhar mais amplo e atento a todos os fatores que os constituem. São difíceis, pois envolvem questões cognitivas, psicológicas, materiais e humanas que são indissociáveis (PIOVESAN et al., 2018).

Pain afirma que a aprendizagem não constitui uma estrutura, mas um lugar de articulação de esquemas. Não ocorre de modo independente é abrangente por envolver “um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a outras estruturas teóricas”, que constituem material de estudo do “materialismo histórico, à teoria piagetiana da inteligência e à teoria psicanalítica de Freud” (PAÍN, 1985, pág. 15). A autora ainda apresenta quatro dimensões que envolvem os processos de aprendizagem:

- 1) A dimensão biológica – é o organismo, suas características e a possibilidade de aprendizagem e construção de esquemas de ação sobre o mundo, bem como instrumentalidade para agir sobre ele;
- 2) A dimensão cognitiva – a partir de uma estrutura orgânica inicial o sujeito constrói conhecimento, referindo-se mais às construções do próprio indivíduo;
- 3) A dimensão social – é composta pelo par ensino/aprendizagem em assuntos específicos para cada sujeito, compreendendo todos os comportamentos designados à transmissão cultural;
- 4) A dimensão de aprendizagem como função do eu – que trata da constituição do sujeito (PAÍN, 1985).

Cada uma das dimensões influencia o processo de aprendizagem. A dimensão biológica no processo de aprendizagem é referente ao organismo, suas características e as probabilidades de aprendizagem e construção de esquemas de ação sobre o mundo, bem como instrumentalidade para agir sobre ele (PIOVESAN et al., 2018).

É sugerido por Pain (1985) três tipos de conhecimentos que compreendem a dimensão biológica:

- Conhecimento das formas hereditárias – une as informações hereditárias do sujeito, com informações referentes ao meio em que o sujeito irá atuar
- Conhecimento das formas lógico-matemáticas – construídas progressivamente, de acordo com fases de equilíbrio crescente e por organização progressiva das ações realizadas com os objetos, porém dispensando-as como tal.
- Conhecimento das formas adquiridas – as experiências realizadas pelo sujeito sobre o objeto lhe fornecem informações sobre características e propriedades.

A dimensão cognitiva do processo de aprendizagem cita principalmente as questões psicológicas. Referenciando P. Gréco, no Volume VII do Tratado de Psicologia Experimental, Paín diferencia três tipos de aprendizagem: A primeira diz respeito aquele indivíduo que adquire conhecimento novo. No segundo há uma aprendizagem da regulação que administra a transformação do objeto e a sua relação recíproca. O terceiro tipo é a aprendizagem estrutural que esta ligada ao surgimento das estruturas lógicas do pensamento, a que permite que o indivíduo organize uma realidade compreensível cada vez mais equilibrada (PIOVESAN et al., 2018).

No processo de aprendizagem **a dimensão social** é apresentada como um dos planos que compõe o par ensino-aprendizagem, do qual transcorre o processo administrativo. Processos este que abarca os diferentes comportamentos necessários à transmissão da cultura, sejam os realizados nas instituições formais que promovem a educação, entre elas a família. É por meio da aprendizagem que o sujeito histórico exercita, apropria-se e incorpora a cultura do grupo social em que está, demonstrando comportamento como: cumprimentar, falar, usar utensílios, fabricar artefatos, rezar, conforme a modalidade do grupo que o pertence (PAÍN, 1985; POZO, 2002).

Sara Pain (1985) também descreve a aprendizagem como função do eu, afirmando que os processos de aprendizagem também influenciam a composição do sujeito. Através da educação é permitido que o ser humano mantenha a pulsão sob controle, sendo possível empregar a sua força em obras culturais. Assim aos poucos a criança aprende a controlar a pressão dos impulsos por meio de forma de satisfação substitutivas que possibilitem intercalar a necessidade e o desejo.

RESUMO

Conforme abordado neste tópico, a aprendizagem está ligada ao desenvolvimento que vai depender dos movimentos internos e externos. Destacamos a descrição do processo de aprendizagem de acordo com Pain (1985).

3.4 As interferências que ocorrem no processo de aprendizagem

A aprendizagem está relacionada a quatro fatores, a partir deles podemos entender os problemas de aprendizagem, são eles: **orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais** Paín (1985).

Fatores orgânicos - É referente ao funcionamento anatômico, como funcionamento dos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso central. Quando está saudável o sistema nervoso apresenta plasticidade, equilíbrio e ritmo, garantindo assim um funcionamento harmonioso. Entretanto se houver lesões ou desordem corticais a aprendizagem é comprometida. Podem ser citados como exemplo: as lesões neurológicas, deficiência auditiva, deficiência visual, podem

trazer, como consequência, problemas cognitivos com maior ou menor gravidade. Tais problemas não caracterizam um problema de aprendizagem, mas podem comprometer (PIOVESAN et al., 2018).

Fatores específicos - Refere-se à educação perceptivo-motora. São desordens ligadas a áreas determinadas do cérebro, que abrangem questões cognitivas/perceptivas e motoras, porém sem possibilidade de verificação de sua origem orgânica. Pode ser citada como exemplo a dislexia. O aluno com dislexia não possui lesão na estrutura cerebral, mas uma desorganização no funcionamento do cérebro, que é específica na área da leitura e da escrita. Tal desordem causa dificuldades na decodificação dos símbolos gráficos registrado pelo cérebro, não ocorrendo uma constância na construção mental daquele símbolo que é expresso na dificuldade de ler e escrever (PIOVESAN et al., 2018).

Fatores psicógenos - Esses estão pautados a traumas e conflitos internos, onde o não aprender se constitui como inibição (restrição da capacidade) ou como sintoma, defesa (o medo de reviver alguma situação traumática). O profissional não deve atentar-se para o problema de aprendizagem em si, mas para o problema que ele representa. Exemplo disso são crianças que não conseguem lidar com frustrações, sejam quando contrariadas ou diante de erros cometidos, elas podem evitar a tentativa de aprendizagem pelo medo de fracassar (PIOVESAN, 2018).

Fatores ambientais - São referentes ao ambiente concreto do sujeito “às possibilidades reais que o meio lhe fornece, à quantidade, à qualidade, à frequência e à abundância dos estímulos que constituem seu campo de aprendizagem habitual” (PAÍN, 1995, p. 33). Relacionados a esses fatores incluem-se condições de trabalho, moradia, acesso ao lazer, esportes, aos bens culturais, ao grau de consciência e participação social. Um exemplo que pode ser citado é de uma criança de dez anos que chega na escola com o vocabulário grosseiro aprendido dos irmãos mais velhos, demonstrando dificuldades na leitura e escrita.

Através dos fatores elencados podemos compreender os caminhos com mais propriedade as dificuldades que ocorrem no processo de aprendizagem, permitindo um olhar atento na identificação das causas que impedem o desenvolvimento da aprendizagem. (Através dessa identificação é possível elaborar estratégias de ensino para superar tal problema (PIOVESAN, 2018)).

Fica a dica! Assista ao filme: “Escritores da Liberdade”, direção de Richard Lagravenese, baseado em uma baseada em fatos reais que aborda de maneira emocionante os desafios da educação.



Para entender melhor assista ao vídeo: <https://youtu.be/YqCZg3Y0M3w>

RESUMO

A discussão aqui apresentada demonstrou as dificuldades que podem ocorrer no processo de aprendizagem e que esses problemas estão relacionados a quatro fatores: orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais. Comentamos um pouco sobre cada um e citamos exemplos de como são caracterizados na aprendizagem.

3.5 Aprendizagem: dificuldades, distúrbios e transtornos

É importante explicar a diferença entre os três termos que freqüentemente são usados de forma aleatória na literatura e nos espaços escolares: dificuldade, transtorno e distúrbios de aprendizagem. Para alguns estudiosos essa distinção não é necessária, mas compartilharemos da compreensão dos teóricos (MOOJEN, 1999, RUBINSTEIN, 1999, CORSINI, 1998; CIASCA; ROSSINI, 2000). Esses autores consideram que se trata de condições distintas e que dada a sua importância da educação e que merecem esclarecimento.

A Dificuldade da Aprendizagem:

Está relacionada a problemas de ordem psicológica, social, cultural ou emocional. Ciasca e Rossini (2000, p. 13) dificuldade na aprendizagem é “qualquer tipo de dificuldade apresentada durante o processo de aprender em decorrência de fatores variados, que vão desde causas endógenas e exógenas”.

Distúrbio de Aprendizagem:

Fonseca (1995), afirma que o distúrbio da aprendizagem está interligado a um grupo de dificuldades pontuais e particulares, caracterizadas pela presença de uma disfunção do sistema nervoso central, gerando danos na aquisição e processamento da informação. Segundo Ciasca

e Rossini (2000) relatam que o distúrbio é uma perturbação no ato de aprender caracterizado por alterações nos padrões de aquisição, assimilação, utilização e armazenamento da informação, resultantes de uma disfunção neurológica.

Hammill (1990, p.77 apud GIMENEZ, 2005, p.79) classifica o distúrbio como “um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, fala, escrita e raciocínio matemático”. O autor ainda complementa que as alterações no sistema nervoso central são as causas imagináveis do distúrbio e que problemas emocionais, psicogênicos, familiares, sociais, deficiências sensoriais e intelectuais podem coexistir com distúrbio, porém não é a sua causa

Transtorno de aprendizagem:

Quanto a essa definição de transtorno de aprendizagem pode ser definido de acordo com National Joint Comittee Of Learning Disabilities como:

[...] é um termo global que diz respeito a um grupo de dificuldades referentes à aquisição e uso de habilidades acadêmicas como leitura, escrita e matemática. Os transtornos de aprendizagem são decorrentes de disfunções do sistema nervoso central e relacionados a uma “falha” no processo de aquisição e processamento da informação, diferindo das “dificuldades de aprendizagem”, pois este último quadro decorre de questões relacionadas a problemas de ordem pedagógica, emocional ou sociocultural ou a quadros neurológicos (RUBINSTEIN, 1999).

Sendo assim, a partir dessas definições, pode-se perceber que o termo distúrbio e transtorno de aprendizagem derivam de condições neurológicas, diferente das dificuldades, que comumente estão relacionadas a inadequações no método de ensino, na relação entre professor e aluno, além de fatores emocionais, motivacionais, sociais e familiares (BRIDI-FILHO; BRIDI, 2016; CIASCA; ROSSINI, 2000).

OS TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM

Os Transtornos Específicos da Aprendizagem estão dentro uma categoria mais geral, chamada “Transtornos do Neurodesenvolvimento”, que se refere a transtornos que se manifestam desde muito cedo e se caracterizam dos déficits no funcionamento pessoal, social ou acadêmico que afetam a capacidade da criança ter um desempenho semelhante ao de outras crianças em diversas áreas do cotidiano. Entre os Transtornos do neurodesenvolvimento estão o Transtorno do Espectro Autista, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, a

Deficiência Intelectual e os Transtornos Específicos da Aprendizagem relacionados à leitura, escrita e matemática (**dislexia, disortografia e discalculia**) (DSM5, 2014).

Dislexia - Um transtorno mais comum da aprendizagem e está presente em todos os lugares do mundo, apresentando diferenciadas estimativas de prevalência. No Brasil, a avaliação é de 5%, na Itália de 3%, nos Estados Unidos entre 5 e 6% e no Japão, que tem o menor índice, 1% (ALTREIDER, 2016). Mesmo tendo uma alta ocorrência no Brasil, a dislexia é subdiagnosticada, ou seja, é provável que muitas pessoas possuam esse transtorno, mas não recebem o diagnóstico e por isso desconhecem sua condição (PIOVESAN et al., 2018).

ATENÇÃO: A dislexia é um transtorno da aprendizagem que se caracteriza por dificuldades na leitura, escrita e soletração. Não é uma doença, trata-se de um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem.

A partir do texto acima é possível compreender como alguém que tem dislexia compreende as letras. Dessa forma que as letras aparecem para elas e é dessa forma que elas escreveriam, vejamos abaixo a escrita correta

ATENÇÃO: a dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades na leitura, escrita e soletração. Não é uma doença, trata-se de um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem.

De acordo com o DSM-5 (2014, p.67), pode ser destacado como “um termo alternativo do por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldades de ortografia.” A dislexia é distinguida por ser um prejuízo na capacidade para processar as informações de forma eficaz e precisa.

Algumas características da dislexia:

- dificuldade acentuada em fazer a correspondência entre letra e som;
- confusão de letras que possuem formas semelhantes (exemplo: u e n);
- dificuldade acentuada em ler palavras, mesmo que simples;
- inversão total ou parcial de palavras e números (exemplo: sol – los);
- substituição de palavras por outras de estrutura similar ou criação de palavras com significado diferente (exemplo: travessa – atravessava);
- dificuldade em diferenciar letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são acusticamente próximos (exemplo: d – t);

- confusão de letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (exemplo: b e d; ajuda – aduja);
- dificuldade para separar e sequenciar sons (exemplo: p – a – t – o);
- omissão ou adição de letras e sílabas (exemplo: bata em vez de batata – ocarro em vez de carro);
- dificuldade para perceber a diferença entre p – q – d – b, o que se deve a prejuízos na percepção e orientação espacial;
- erros de leitura (sem conexão entre fonemas/grafemas) (exemplo: ler panela em vez boneca);
- leitura silábica, hesitante e com erros;
- dificuldade em compreender o que leu;
- dificuldade para copiar do quadro e ter mais facilidade em copiar de materiais que estejam mais próximos;
- ortografia muito ruim;
- pronúncia ruim ou supressão de partes de palavras longas e multissilábicas (exemplo: tempo em vez de tempestade) e confusão entre palavras com sons semelhantes (exemplo: comestível e combustível);
- dificuldade para lembrar datas, nomes e números de telefone;
- dificuldade na organização do tempo (exemplo: concluir uma prova, temas de casa ou testes);
- lê a primeira parte de uma palavra e depois tenta adivinhar o restante (exemplo: lê cama quando a palavra é caminhão);
- tendência à recusa em situações de leitura

Disortografia - É referente ao prejuízos na expressão da escrita que defini-se como:

Perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compor textos escritos. As dificuldades centram-se na organização, estruturação e composição de textos escritos; a construção frásica é pobre e geralmente curta, observa-se a presença de múltiplos erros ortográficos e [por vezes] má qualidade gráfica (PEREIRA, 2009, p. 9).

Estão comprometidas na disortografia as aptidões da expressão da escrita, o que não se explica déficit intelectual, visual ou auditivo, nem por escolarização insuficiente (GARCÍA, 1998). DSM (DSM-5, 2014, em sua quinta versão traz como critério para disortografia a presença de déficits na precisão ortográfica, na precisão gramatical e pontuação e na clareza ou organização da escrita.

As características manifestadas na disortografia:

- Falta de interesse para escrever;
- Produção de textos muito curtos, com organização pobre e pontuação inadequada;
- Numerosos erros ortográficos de natureza diversa;
- Inversões de sílabas (exemplo: pipoca / picoca);

- Omissões de letras ou de sílabas (exemplo: cadeira / cadera – branco /baco); • adições de letras, de sílabas ou de palavras (exemplo: televisão);
- Troca de grafemas que se parecem sonoramente (exemplo: “faca” / “vaca” - chinelo / jinelos);
- Substituição de letras que se diferenciam pela sua posição no espaço (exemplo: dado /dabo);
- Confusão entre fonemas que apresentam dupla grafia (exemplo: chá/ “xá”);
- Omissão da letra “h”, por não ter correspondência fonêmica (exemplo: omem);
- Dificuldades na associação entre fonemas e grafemas, trocando letras sem qualquer sentido;
- Erros na separação de sequências gráficas pertencentes a uma dada sucessão fônica, ou seja, une palavras (exemplo: “ocarro” em vez de “o carro”) ou junta sílabas pertencentes a duas palavras (exemplo: “no diaseguinte” em vez de
- Desconsideração das regras de pontuação;
- Início de frases com letra minúscula;
- Desconhecimento da forma correta de separação das palavras na mudança de linha, a sua divisão silábica, a utilização do hífen (exemplo: cas-a).

Discalculia - É um transtorno do desenvolvimento que afeta as habilidades matemáticas e é caracterizada por dificuldades na realização de operações matemáticas, tendo como provável causa disfunções cerebrais específicas (PAIN, 1985). Garcia destaca

[...] a discalculia é um distúrbio neurológico que afeta a habilidade com números. É um problema de aprendizado independente, mas pode estar também associado à dislexia. Tal distúrbio faz com que a pessoa se confunda em operações matemáticas, fórmulas, sequência numérica, ao realizar contagem sinais numéricos e até na utilização da matemática no dia-a-dia (GARCIA, 1998, p. 37).

Assim como a dislexia e a disortografia, a discalculia afeta pessoas com inteligência dentro do esperado e sua possível causa é neurológica. Deste modo as dificuldades não se devem a comprometimento cognitivo, deficiência intelectual, nem aspectos emocionais, pedagógicos e socioculturais (PIOVESAN et al., 2018).

Características da discalculia:

- Dificuldade para aprender a contar;
- Problemas associados à compreensão de números; • Dificuldades em realizar cálculos simples, como adição;
- Inversão de números (exemplo: 6 por 9);
- Dificuldade na leitura de números com muitos dígitos;
- Dificuldade com conceitos relativos (exemplo: mais/menos);
- Inversão na escrita dos numerais (exemplo: ε em vez de 3);

- Alinhar mal os símbolos (exemplo: aluno deseja escrever 1,12, mas escreve 11,2);
- Nomear, ler e escrever incorretamente símbolos matemáticos;
- Errar sinais das operações (exemplo: $30 - 10 = 40$);
- Errar sinais das operações (exemplo: $30 - 10 = 40$);
- Confusão de símbolos semelhantes, mas possuem orientação diferente (exemplo: + e x);
- Dificuldades em associar um número com uma situação da vida real (exemplo: vincular o número "2" à possibilidade de ter 2 balas, 2 livros, 2 pratos);
- Repetir um ou mais números numa série numérica (exemplo: 1, 2, 4, 4, 5, 6, 7, 7, 8, 9);

DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH)

É caracterizado pela presença constante de sintomas de desatenção ou hiperatividade/impulsividade que interferem no funcionamento e desenvolvimento do indivíduo, impactando negativamente as atividades sociais, acadêmicas ou profissionais (DSM-5, 2014).

A intensidade e a presença dos sintomas de hiperatividade/desatenção e impulsividade podem variar de maior a menor grau, o transtorno pode apresentar três subtipos, que são: apresentação predominantemente desatenta; apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva e apresentação combinada (desatenta e hiperativa/impulsiva).

Figura 3: Subtipos TDAH



Fonte: <http://coachmariaangelica.com.br/tdah-e-aprendizagem/>

Características da desatenção:

- Apresenta dificuldade em prestar atenção a detalhes, o que contribui para que ocorram erros por descuido;
- Apresenta dificuldade para manter o foco da atenção em atividades lúdicas ou conversas mais longas; não responde quando chamado, parece estar “no mundo da lua”, mesmo não havendo nenhuma distração aparente;
- Esquece compromissos, material escolar, etc.;
- Perde materiais escolares e de uso pessoal;
- Não consegue manter materiais e objetos pessoais organizados;
- Distrai-se com facilidade;
- Demonstra falta de persistência nas atividades, não seguindo instruções até o fim e não concluindo no prazo;
- Apresenta dificuldade em gerenciar o tempo;
- Evita tarefas que exijam esforço mental prolongado.

São características comuns na HIPERATIVIDADE/IMPULSIVIDADE:

- Remexer na cadeira, batendo as mãos ou os pés;
- Ter dificuldade em permanecer sentado, levantando-se com frequência;
- Correr, saltitar e subir em situações e locais inapropriados;
- Ter dificuldade em envolver-se forma calma e silenciosa em atividades de lazer e brincadeiras;
- Apresentar dificuldade em parar, parece estar sempre “a mil”;
- Falar bastante e sem parar.

São manifestações freqüentes da Impulsividade:

- Ter dificuldade em aguardar a sua vez;
- Responder antes que a pergunta tenha sido concluída;
- Interromper ou intrometer-se em conversas e atividades dos outros.

Segundo (COSENZA, GUERRA, 2011, p. 136). “um sintoma freqüente é a dificuldade de socialização, pois seus portadores não cooperam em atividades de grupo e seu comportamento é considerado difícil não só pelos adultos, mas pelas outras crianças, o que resulta na carência de amigos”. Além do prejuízo no processo de aprendizagem.

RESUMO

Neste tópico foi possível discorrer sobre os distúrbios de aprendizagem, elencando suas características e dificuldades no processo de aprendizagem, destacando também a diferença entre elas.

REFERÊNCIAS

- ALTREIDER, A. Dislexia: varlendo contra o vento. In: ROTTA, N. T; FILHO, C. A. B.; AUSUBEL, D. et al. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.
- BAUM, W. M. Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução. Tradução: Maria Teresa Araújo Silva...[et al]. 2.ed. rev. e amp. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRIDI, F. R. S. Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- BRIDI-FILHO, C. A.; BRIDI, F. R. de S.; SALGUEIRO, M. C. A. Elementos neuropsicológicos do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). In: ROTTA, N. BIAGGIO, A., & Monteiro, J. (1998). A psicologia do desenvolvimento no Brasil e no mundo. In M. L. Seidl de Moura, J. Correa & A. Spinillo (Orgs). Pesquisas Brasileiras em psicologia do Desenvolvimento (pp. 15-31). Rio de Janeiro: Eduerj.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CIASCA, S. M. Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CAIRNS, R. (1983). The emergency of developmental psychology. In P. Mussen (Org.), Handbook of Child Psychology - Vol.1 (4a ed) (pp. 41-101). New York: John Wiley
- CAMPOS, D. M. de S. Psicologia da Aprendizagem. 41ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DESSEN, M. A., & Costa Júnior, A. L. (2006). A ciência do desenvolvimento humano: desafios para pesquisa e para os programas de pós-graduação. In D. Colinviaux, L. B. Leite & D. DELL'AGLIO (Orgs.), Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais (pp. 133-158). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DA MOTA, Márcia. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. Temas em Psicologia. 13. 105-111. (2005).
- DSM 5. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- GARCÍA, J. N. Manual de Dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GIMENEZ, E. H. R. Dificuldade de Aprendizagem ou Distúrbio de Aprendizagem? Revista de Educação, v.8 n.8, p. 78-83, 2005.
- GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. (Educação e conhecimento). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

- HALL, C.S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. Teorias da personalidade. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- NOVAK, J. J.D.; GOWIN, D. B. Aprender a aprender. Trad. Carla Valadares. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 1984.
- NÁSIO, J.-D. O prazer de ler Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio- - histórico. Scipione, 2002.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PIOVESAN, Josieli, Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem [recurso eletrônico] /... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. Desenvolvimento humano. Porto Alegre. Artmed, 2000.
- PAIN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985
- PEREIRA, R. S. Dislexia e Disortografia: Programa de Intervenção e Reeducação (vol. I e II). Montijo: You!Books. 2009.
- RUBINSTEIN, E. Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333 - Vermelha
Teresina - Piauí**

f @/maltafaculdade

 www.faculademalta**.edu.br**